



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

GUSTAVO BERTOLDO DE OLIVEIRA

**UMA CIDADE PEQUENA E SUA CENTRALIDADE: PERFIL GEOGRÁFICO DE
ESPERANÇA-PB.**

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

GUSTAVO BERTOLDO DE OLIVEIRA

**UMA CIDADE PEQUENA E SUA CENTRALIDADE: PERFIL GEOGRÁFICO DE
ESPERANÇA-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Urbana e Regional.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa.

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48u Oliveira, Gustavo Bertoldo de.
Uma cidade pequena e sua centralidade [manuscrito] : perfil geográfico de Esperança-PB / Gustavo Bertoldo de Oliveira. - 2020.
93 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."
1. Centralidade urbana. 2. Espaço urbano. 3. Organização espacial. 4. Cidade. 5. Esperança - Paraíba. I. Título
21. ed. CDD 307.76

GUSTAVO BERTOLDO DE OLIVEIRA

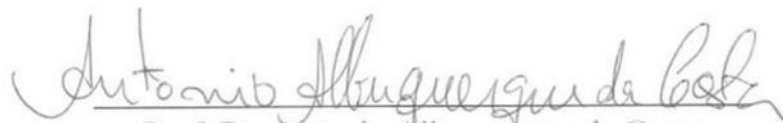
UMA CIDADE PEQUENA E SUA CENTRALIDADE: PERFIL GEOGRÁFICO DE
ESPERANÇA-PB.

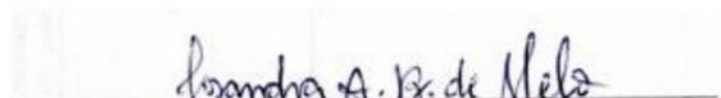
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Urbana e Regional.

Aprovada em: 07/12/2020.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba


Profa. Dra. Josandra Araujo Barreto de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Esta monografia é dedicada aos meus pais,
pilares da minha formação como ser humano.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus pelos dons que me deu nesta existência e que serviram na realização deste projeto, sem Ele, nada disso seria possível. Obrigado, Senhor, por colocar esperança, amor e fé no meu coração.

Aos meus pais Geraldo e Maria que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória e que juntos enfrentaram tantas dificuldades para que eu pudesse estudar.

A minha irmã Vitória pela ajuda e atenção dedicadas quando sempre precisei e por toda a sua ajuda e apoio durante este período tão importante da minha formação acadêmica.

Agradeço ao meu orientador Antonio por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa e por ser o responsável por ter me despertado o interesse em estudar o espaço urbano e as cidades durante o meu curso, obrigado pelo apoio e pela inspiração.

Aos demais professores do corpo docente do curso de geografia, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado, cada um dos vários professores que tive são parte da minha evolução, como pessoa e como profissional, para o professor que sou e que irei me tornar, vocês serão a base para minha inspiração e desenvolvimento.

À instituição de ensino UEPB, essencial no meu processo de formação profissional, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso nessa universidade.

Aos amigos Letícia e Rodolfo que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho, mesmo que vocês não estejam cientes disso.

A todos os meus amigos do curso de graduação, em especial os meus colegas de turma, que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo. Obrigado pelos conselhos, palavras de apoio, puxões de orelha e risadas. Só tenho a agradecer e dizer que esse TCC também é de vocês meus amigos geógrafos.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e que contribuíram para o sucesso desta pesquisa, o meu muito obrigado.

“Esse é o grande mistério das cidades: elas crescem e se modificam, guardando, porém, sua alma profunda apesar das transformações do seu conteúdo demográfico, econômico e da diversificação de suas pedras.” **Milton Santos.**

RESUMO

Este breve ensaio pretende discutir a crescente centralidade urbana presente no município de Esperança, no estado da Paraíba, através de seus setores comercial e de prestação de serviços. O mesmo procede do plano de investigação que o autor vem desenvolvendo no âmbito da graduação, focado nas questões das centralidades urbanas. Nesta pesquisa almeja-se abordar os processos que são característicos de um centro urbano de uma cidade pequena, tomando como exemplo Esperança, classificada como um centro local, de acordo com o REGIC (2018), possibilitando um ponto de partida em sua classificação hierárquica. Esperança, em um espaço micro, consegue se destacar territorialmente em algumas atividades econômicas, exercendo um mínimo de influência sobre outras cidades menores, mesmo estando próxima a uma cidade maior. Contudo, será questionado porque a cidade, na década atual, não pode atuar como um centro de zona. Ademais, o presente trabalho objetiva compreender a importância das atividades comerciais, dos serviços, dos processos históricos e culturais, e da centralidade na estruturação das cidades pequenas através do processo de concretização de fluxos na rede urbana, assim como se propõe a discutir questões ligadas à formação da sociedade de consumo capitalista e seu rebatimento na produção dos espaços urbanos, tomando como base ideias e teorias de alguns autores como Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, dentre outros. A justificativa para os estudos sobre as cidades pequenas ocorre devido à quantidade de pequenos centros espalhados pelo país e sua importância para a rede urbana. Assim, foram definidas algumas características centrais, determinadas como geradoras de fluxo, de pessoas e de produção, portanto, parte integrante da análise da hierarquia urbana, essas características foram analisadas a partir de diversas óticas: o espaço e a paisagem urbana; a organização espacial; os agentes sociais; a rede urbana; a área central da cidade; a estrutura socioeconômica da cidade. Dessa forma, e com o escopo de constituir um diálogo com a teoria espacial, foi possível estabelecer um breve debate sobre a manifestação de uma geração de fluxos na cidade de Esperança, permitindo uma leitura dos processos e fenômenos que permeiam a criação e consolidação de suas centralidades.

Palavras-Chave: Centralidade urbana. Espaço urbano. Organização espacial. Cidade. Esperança – Paraíba.

ABSTRACT

This brief essay aims to discuss the growing urban centrality present in the municipality of Esperança, in the state of Paraíba, through its commercial and service provision sectors. The same comes from the research plan that the author has been developing within the scope of the undergraduate course, focused on the issues of urban centralities. This research aims to address the processes that are characteristic of an urban center of a small city, taking as an example Esperança, classified as a local center, according to REGIC (2018), allowing a starting point in its hierarchical classification. Esperança, in a micro space, manages to stand out territorially in some economic activities, exercising a minimum of influence over other smaller cities, even being close to a larger city. However, it will be questioned why the city, in the current decade, cannot act as a zone center. Furthermore, this paper aims to understand the importance of commercial activities, services, historical and cultural processes, and the centrality in structuring small cities through the process of implementing flows in the urban network, as well as proposing to discuss issues related to formation of the capitalist consumer society and its impact on the production of urban spaces, based on the ideas and theories of some authors such as Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, among others. The justification for studies on small cities is due to the number of small centers spread across the country and their importance for the urban network. Thus, some central characteristics were defined, determined to generate flow, people and production, therefore, an integral part of the analysis of the urban hierarchy, these characteristics were analyzed from different perspectives: the space and the urban landscape; the spatial organization; social agents; the urban network; the central area of the city; the socioeconomic structure of the city. Thus, and with the scope of constituting a dialogue with the spatial theory, it was possible to establish a brief debate about the manifestation of a generation of flows in the city of Esperança, allowing a reading of the processes and phenomena that permeate the creation and consolidation of its centralities.

Keywords: Urban centrality. Urban space. Spatial organization. City. Esperança - Paraíba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização e fotos comparativas da barragem do Araçagi.	19
Figura 2: Vista aérea de Esperança na década atual e em 1975, respectivamente.....	20
Figura 3: Localizações do Condomínio Vale Nevado e do Bairro do Portal.....	29
Figura 4: Recorte do mapa do perímetro urbano e dos principais bairros de Esperança.	30
Figura 5: Categorias de residência de acordo com sua localização em Esperança.	31
Figura 6: Prédio de uso comercial e de prestação de serviços.....	32
Figura 7: Prédio comercial/residencial com serviços especializados.....	33
Figura 8: Prédio comercial/residencial com serviços menos especializados.	34
Figura 9: Edifícios atuais com estrutura arquitetônica quase idêntica à original em Esperança.	35
Figura 10: Transformação devido à construção da agência do Banco do Brasil em Esperança.	35
Figura 11: Estrutura externa da igreja matriz (antes e depois).....	36
Figura 12: Altar principal da igreja matriz (antes e depois).	37
Figura 13: Vista aérea da Praça da Cultura em Esperança.	39
Figura 14: Modificações na paisagem da Praça da Cultura em Esperança.	40
Figura 15: Capelinha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	43
Figura 16: Algumas das festas públicas mais importantes de Esperança.....	44
Figura 17: Fotos de um fóssil e paisagens naturais históricas encontrados em Esperança.	46
Figura 18: Bonecas produzidas na Casa da Boneca Esperança.....	47
Figura 19: Região Metropolitana de Esperança.	50
Figura 20: Gráfico da produção das lavouras em Esperança.....	63
Figura 21: PIB dos municípios da RME.....	66
Figura 22: Gráfico do número de empresas com CNPJ ativo nas cidades da RME.....	67
Figura 23: Número de empresas de acordo com a sua sociedade empresarial em Esperança. 67	
Figura 24: Almeida Distribuidora de Materiais de Construção em Esperança.....	71
Figura 25: Feira Local de Esperança com as restrições impostas devido à COVID-19.....	73
Figura 26: Feira Local de Esperança nos anos 2000 e na década de 60, respectivamente.....	74
Figura 27: Total de estabelecimentos comerciais por tipos de produtos em Esperança.....	74
Figura 28: Total de estabelecimentos por tipos de serviço prestado em Esperança.	75

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Dados socioeconômicos e populacionais da RME.	51
Quadro 2: Densidade demográfica e dados econômicos das cidades da RME.	52
Quadro 3: PIB do município de Esperança.	65
Quadro 4: Principais empresas locais com matriz em Esperança de acordo com seu capital social (até R\$ 500.000).	69
Quadro 5: Quantidade de empresas de Esperança por Setor CNAE.	70
Quadro 6: Principais empresas com filiais em Esperança de acordo com seu capital social (até R\$ 500.000).	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCOMM - Associação Brasileira de Comércio Eletrônico

ASN – Agência Sebrae de Notícias

CBD – *Central Business District*

CIA - Companhia

CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

COVID-19 – Corona Vírus Disease 2019

DER/PB - Departamento de Estradas de Rodagem do Estado da Paraíba

DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

EMATER-PB - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba

FBB - Fundação Banco do Brasil

FNEM - Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IHGP - Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

LTDA – Limitada

OMS – Organização Mundial da Saúde

PIB – Produto Interno Bruto

REGIC - Regiões de Influência das Cidades

RME – Região Metropolitana de Esperança

S/A - Sociedade Anônima

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A ORGANIZAÇÃO HISTÓRICA E ESPACIAL DE ESPERANÇA: DO CICLO DA BATATA-INGLESA AO SURGIMENTO DA FEIRA LOCAL.....	17
3 OS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO DE ESPERANÇA: CENTRALIDADE E SEGREGAÇÃO.....	25
4 OS ESPAÇOS E PAISAGENS DE LAZER NA CIDADE DE ESPERANÇA: IDENTIDADE CULTURAL E MODERNIZAÇÃO.	39
5 REGIÃO METROPOLITANA DE ESPERANÇA: A INFLUÊNCIA DE UM CENTRO LOCAL NA REDE URBANA.....	49
6 ESPERANÇA – LÍRIO VERDE DA BORBOREMA: COMPREENDENDO O PERFIL GEOGRÁFICO DO NÚCLEO URBANO DESSA PEQUENA CIDADE.	58
6.1 Compreendendo os termos “centralidade” e “hierarquia urbana”.....	58
6.2 Análise dos aspectos econômicos da agropecuária de Esperança.	62
6.3 Análise dos empreendimentos econômicos de Esperança.	64
6.4 Análise dos sistemas de serviço de distribuição econômicos de Esperança.....	76
6.5 Análise do centro e dos fluxos e dos fixos de Esperança.	80
7 CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS	86
ANEXO A – MACROZONEAMENTO DOS BAIROS DE ESPERANÇA-PB.....	92
ANEXO B – MACROZONEAMENTO DOS BAIROS DE ESPERANÇA-PB.	93

1 INTRODUÇÃO

Ao discutir sobre o estudo das cidades pequenas como objeto de pesquisa, é possível deparar-se diante de alguns obstáculos, dentre eles, a quantidade de pesquisas e formulações teóricas que, por muito tempo, em quantidade, foram inferiores aos estudos realizados nos grandes centros urbanos, contudo, há vários autores que dão subsídios à interpretação e análises dos fenômenos urbanos nas pequenas urbes, dentre eles, Eliseu Savério Sposito. Outro problema diz respeito às informações e estudos mais específicos sobre o objeto de pesquisa, no caso a pequena cidade que será analisada, porém, as observações realizadas em outros centros podem ser adaptadas, já que os fenômenos urbanos são comuns à todas as cidades.

A cidade pequena pode ser compreendida como uma das dimensões socioespaciais geradas pelo processo histórico de produção do espaço urbano e das transformações da paisagem cultural, ou seja, como um objeto gerado pelas técnicas do homem. Porém, as dimensões espaciais, o número de habitantes, a pouca diversidade de funções urbanas, a dependência de outro núcleo maior e de um circuito econômico de distribuição inferior, a temporalidade lenta, a relação com a vida rural, a proximidade entre pessoas, etc., são os principais elementos que caracterizam as cidades pequenas e que serão apresentados com frequência nesta pesquisa.

Os estudos sobre as cidades pequenas são importantes devido à quantidade de pequenos centros espalhados pelo país que, sem negar a importância dos grandes centros, constituem a maior parte da rede urbana e, apesar de apresentarem os fenômenos urbanos em uma escala menor, não deixam de ser uma cidade por causa de seu tamanho, por mais que estejam reduzidas à um pequeno território e à uma baixa complexidade de fenômenos. Justamente por causa disso esses estudos avançaram pouco durante muitas décadas, contudo, isso vem mudando e a produção de conhecimento sobre esse tema tem se tornado cada vez mais pertinente.

Muitas vezes as formulações teóricas existentes sobre o urbano enfocam as grandes cidades, pela complexidade espacial que essas apresentam, porém, isso não destitui a complexidade e riqueza das pequenas cidades, pelo contrário, a análise da cidade em uma escala maior possibilita compreender os fenômenos também em escalas menores. Contudo, faz-se necessário desenvolver também teorias nos mais diferentes níveis de cidades, para colaborar com a compreensão da rede urbana na sua totalidade, por isso, nesta pesquisa, o enfoque e objeto de estudo será o espaço urbano de Esperança, uma pequena urbe do Agreste

paraibano, portanto, a análise de seus fenômenos se dará em uma escala menor, compreendendo suas limitações como cidade pequena, porém, sem negar sua importância na rede urbana.

Algumas problemáticas observadas despertaram o interesse no estudo dessa pequena urbe, mas a principal diz respeito à uma polarização, mesmo que reduzida, de fluxos advindos de outros núcleos urbanos. Esperança, apesar de ser uma cidade pequena, gera um pequeno fluxo em direção ao seu centro e seu território possui centralidade além dos limites de seu município, soma-se a isso a sua proximidade com Campina Grande, uma cidade de porte médio do Agreste paraibano, que possivelmente limita o desenvolvimento de maiores fluxos nas cidades menores sujeitas a sua hierarquia. Essas são características comuns à muitos centros urbanos do Brasil, sendo considerados pelo IBGE como centros locais.

Esperança está sob a influência direta de um centro maior, que é Campina Grande, uma das maiores cidades do estado da Paraíba, havendo entre elas uma relação hierárquica, contudo, Esperança consegue se destacar em determinados aspectos econômicos na sua região, como a sua feira local e seu comércio diversificado, promovendo um pequeno fluxo de pessoas e de capital. Por essa razão é necessário analisar a sua inserção na rede urbana, para compreender que outros aspectos geram ou podem gerar fluxo e como sua relação com Campina Grande afeta na movimentação desses fluxos. O estudo sobre a pirâmide hierárquica urbana, com subsídios na ideia do curto-circuito da cidade próxima, abordada por Milton Santos (1988), também será importante para compreender essa relação entre níveis hierárquicos distintos.

Esta pesquisa será baseada, em muito de suas teorias empíricas e desenvolvimento de dados técnicos, nas informações apresentadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Existem duas razões para utilizar-se dos dados do IBGE, primeiro que no ano de realização desta pesquisa os acontecimentos provenientes da pandemia causada pelo (COVID-19) impossibilitaram adquirir dados *in loco*, através de pesquisas de campo, sendo as contribuições do IBGE mais sólidas e menos conflitantes com a realidade do município no ano de 2020.

Segundo que, a Região de Influência das Cidades (REGIC), uma pesquisa do IBGE de 2018 sobre as regiões de influência das cidades, possibilita um ponto de partida, em classificação hierárquica, para dar início a esta pesquisa, classificando Esperança como um centro local. Esperança será analisada como um centro local, assim como propõe o IBGE, no entanto, será questionado o porquê de a cidade, na década atual, não atuar como um centro de zona e se essa poderia vir a ser classificada dessa maneira. O intento, porém, não é refutar os

dados apresentados pelo IBGE, pelo contrário, Esperança é uma cidade pequena, portanto exerce influência apenas como centro local, sendo os métodos do IBGE diferentes dos utilizados nesta pesquisa.

Quando comparados os dados do REGIC (2008) e do REGIC (2018), nota-se que Esperança não teve seu nível de hierarquia e de influência alterados, permanecendo como um centro local, por isso será considerado se a importância dessa urbe possui destaque suficiente sobre as demais, sendo capaz de gerar fluxo, ou se não há elementos suficientes para que exerça influência direta sobre outras regiões. Podem ter surgido novos polos de atração, e isso pode ser constatado através de pesquisas em *sites* ou em visitas *in loco* e, principalmente, com o conhecimento empírico do pesquisador. Por mais que Esperança não possua, territorialmente, influência sobre as demais cidades, possui elementos que geram centralidade para além de seu núcleo urbano.

O intuito principal deste trabalho é descobrir, usando os dados de hierarquia já apresentados pelo IBGE, entre outros, se Esperança, atualmente, teria capacidade para exercer influência sobre as cidades vizinhas e se sua importância como centro local realmente tem destaque para a rede urbana. Por isso objetiva-se descobrir quais fatores levam esta pequena cidade a atuar como um centro local e identificar quais são os maiores fluxos e quais cidades dependem de seus serviços. Esperança gera uma mínima polarização e isso é justificado, possivelmente, devido à sua grande oferta de serviços e do comércio, sendo um dos maiores entre as cidades e, nesse caso, a área de influência do centro de Esperança será delimitada como a Região Metropolitana de Esperança (RME), sendo as suas cidades componentes as mais próximas, territorialmente e em nível econômico.

A presente proposta também procura identificar centralidades que possuam atributos e características econômicas que permitam compreender a influência de Esperança. A partir de um pressuposto teórico buscou-se a definição de um conjunto de características que possibilitassem refletir os diferentes níveis de centralidade das cidades. Muitos dos dados empíricos nos quais esta pesquisa se baseia, são informações provenientes de dados coletados no IBGE, conhecimento empírico do autor, além de uma base teórica proveniente de autores clássicos como Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, dentre outros, em seus mais diversos estudos sobre a rede urbana e a cidade.

Assim, foram definidas algumas características centrais, determinadas como geradoras de fluxo, de pessoas e de produção, portanto, parte integrante da análise da hierarquia urbana. Estas características são: a história da cidade; a agropecuária; a prestação de serviços; o comércio; o lazer e a cultura. Tais características foram analisadas a partir de diversas óticas:

o espaço e a paisagem urbana; a organização espacial; os agentes sociais; a rede urbana; a área central da cidade; a estrutura socioeconômica da cidade. O único problema diz respeito ao Censo do IBGE, que data de 2010, portanto, para que não sejam utilizados dados que possuam pequena margem de erro, na medida do possível, serão substituídos por estimativas e pesquisas mais recentes.

A pesquisa em questão também é resultado do empenho reflexivo acerca das características espaciais e urbanas de uma cidade pequena que, por contingente, desenvolve uma crescente polarização de serviços em contexto local. O debate encontra-se centralizado fundamentalmente nas alterações decorrentes da dinâmica econômica, assumindo novas funções articuladas para suprir as necessidades de reprodução e acumulação do capital, exigidas ao custo da grande demanda de consumo da região circunvizinha. Dessa forma, e com o escopo de constituir um diálogo com a teoria espacial, também objetiva-se estabelecer um breve debate sobre a manifestação de uma centralidade na cidade de Esperança, que alcance uma leitura dos processos e fenômenos que permeiam a criação e consolidação dessa centralidade.

Isso implica em considerar as formas atuais com que as atividades econômicas dos diversos ramos comerciais e de serviços vêm se organizando espacialmente, a organização do transporte como meio de interligação entre cidades de forma hierárquica, bem como a competitividade que se desenvolve entre as cidades, de portes médio e pequeno, quando comparados os fluxos que estas geram dentro de sua rede urbana. Portanto, apresenta-se como de fundamental importância o estudo dessas transformações para a compreensão dos novos processos geradores de fluxos de capital e hierarquização em que mercadorias, pessoas e serviços são polarizados, ajustados em novas formas e fluxos de comércio e dos serviços urbanos modernos, ou em outras palavras, em novas formas de reprodução e acumulação do capital.

O presente trabalho engloba, sequencialmente, a organização histórica e espacial do centro de Esperança, logo após, apresentam-se estudos dos agentes produtores do seu espaço urbano, observando a ação dos agentes sociais e os interesses econômicos que dão forma ao urbano. Também será debatido as questões ligadas a cultura e o lazer, e sua implicação como elemento gerador de fluxo. Serão apontadas as características acerca da classificação do REGIC (2018), que delimita Esperança como um centro local, além das características da sua RME. Por fim, a pesquisa será voltada para os aspectos socioeconômicos de fato, buscando-se então, compreender o perfil geográfico do núcleo urbano desta pequena cidade através de uma

análise da sua estrutura econômica, compreendendo sua inserção e interação na sua rede urbana.

2 A ORGANIZAÇÃO HISTÓRICA E ESPACIAL DE ESPERANÇA: DO CICLO DA BATATA-INGLESA AO SURGIMENTO DA FEIRA LOCAL.

O espaço geográfico é uma realidade intrínseca ao homem, uma instância criada e modificada pelo mesmo. Modificar o espaço é um ato que se dá através das técnicas¹ e que permite ao homem estabelecer uma relação de insubordinação com o meio natural e, conseqüentemente, estabelecer meios de manipular o espaço natural em benefício próprio.

Essas mesmas relações “[...] ao longo da história, passam de uma adaptação humana a uma ação modeladora [...]” (CORRÊA, 2007, p. 28) e, “[...] à medida que o homem se defronta com a natureza, há entre os dois uma relação cultural, que é também política, técnica, etc. É a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização por Marx”. (SANTOS, 1988, p. 64). O trabalho humano exercido sobre o espaço fez surgir as paisagens artificiais, nas quais ocorre a socialização. Logo, a sociedade vive e usufrui de todos os elementos presentes nestas paisagens e que podem ser úteis para a existência da espécie.

Para entender o espaço geográfico e as conseqüências das modificações na paisagem artificial, toma-se como exemplo nesta pesquisa o município de Esperança, considerando que a cidade é um objeto humanizado que faz parte da paisagem artificial. Esperança é um município brasileiro pertencente ao estado da Paraíba, segundo dados do IBGE (2020), sua população é estimada em 33199 habitantes e a sua densidade demográfica é de 189,86 hab./km².

O município possui uma área total de 157,851 km² e está localizado na mesorregião do Agreste paraibano. Os acessos ao município, uma característica importante no seu desenvolvimento, são pelas rodovias do Anel do Brejo², BR 104 e também rodovias estaduais que ligam as cidades de Areial-PB e Montadas-PB, além de várias estradas vicinais que conectam a cidade às zonas rurais.

Na cidade de Esperança, como em qualquer outra, é perceptível que o cenário artificial e o natural diferenciam-se entre si. O primeiro seria uma obra consolidada pelas técnicas humanas, enquanto o segundo conservar-se-ia inalterado. Não obstante, “[...] se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é tocado fisicamente pela força do homem, ele, todavia, é objeto de

1 Segundo Santos (2008, p. 29), “é por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”.

2 De acordo com o DER/PB, o Anel do Brejo interliga as principais cidades da região como Alagoa Grande, Areia, Remígio, Solânea e Bananeiras.

preocupações e de intenções econômicas e políticas”. (SANTOS, 1988, p. 64). Ou seja, todo o espaço natural, aqui definido como a natureza, é de propriedade do homem e de seus interesses, o que conseqüentemente humaniza o ambiente, mesmo que esse ainda seja intocado pelas técnicas.

Os processos de organização e reorganização espacial, efetivados através dos agentes sociais³, também ocorrem paralelamente às transformações da natureza primitiva em espaços que exerçam alguma função em benefício da sociedade. Ademais, esses fenômenos também acontecem em paisagens já existentes, seja por modificações que ocorrem devido às mudanças temporais ou por interesse dos atores envolvidos.

Posto isso, são gerados objetos que tornam o meio funcional para a existência da sociedade, principalmente no meio urbano, no qual, visualmente, se percebe a paisagem artificial gerada nesses processos que decomuseram o ambiente natural em elementos humanizados ao longo dos séculos.

Um exemplo histórico dessa influência e transformação diz respeito à localização atual do município de Esperança, que possui poucas opções inexauríveis de abastecimento hídrico e que antes já foi um espaço habitado pela tribo dos índios Cariris⁴, que construíram um reservatório de água, denominado posteriormente de Tanque do Araçá, que deu o primeiro nome a localidade, sendo esse o reservatório responsável por ser um dos elementos essenciais para o desenvolvimento local.

Os índios resistiram até que os colonos portugueses chegassem à região e começassem a transformar o espaço geográfico e também o nome do município. Não há consenso quanto à origem da sua denominação, mas segundo Ferreira (2011a), Esperança já foi conhecida como *Banabuié*⁵ (1757), *Boa Esperança* (1872) e finalmente *Esperança* (1908), e antes de sua independência política, em 1925, foi um distrito pertencente ao município de Alagoa Nova-PB.

Os reservatórios de água são importantes para a cidade, pois, em termos hidrológicos, Esperança não é bem abastecida. As águas do município são superficiais e fazem parte dos

3 Para Corrêa (2012b) apud Tabarin (2017, p. 26), “os agentes produtores do espaço urbano são os proprietários dos meios de produção (grandes empresas industriais e de serviços); proprietários fundiários; promotores imobiliários (loteadores, construtoras e incorporadoras imobiliárias, corretores imobiliários); o Estado (incluindo a noção de três escalas governamentais -municipal, estadual e federal) e, os grupos sociais excluídos”.

4 Segundo o IHGP (2000) e Ferreira (2017), “[...] esta nação indígena foi aldeada em Campina Grande, com ramificações em Esperança” e “[...] em Campina foram denominados de Ariús e em Esperança, receberam o nome de Banabuyés em razão da data de sesmarias destas terras”.

5 Segundo Ferreira (2014a), “por ser uma palavra indígena, há variações de sua escrita: banabuiú, banaboé, banabuié, banabuyé e banaboê. O etnólogo José Gregório apresenta as seguintes variações: “banabuié, banabuyé, panambi, panapu, banabuiú (borboleta d'água), panapuiú (nome de tribo cariri)”. Com efeito, esse topônimo caracterizou a tribo de índios que estavam aldeados nessa região”.

domínios da bacia hidrográfica do Rio Mamanguape, apresentando cursos de águas intermitentes, além de ser abastecido pelo açude de Vaca Brava⁶ (Areia-PB).

Em contrapartida, há vários tanques e poços d'água potável, assim como pequenos açudes e alguns riachos, com destaque para a barragem do Araçagi⁷, ver Figura 1, que possui um volume aproximado de 1389 m³ de acordo com Ferreira (2011). Esses reservatórios influenciaram no desenvolvimento da cidade, não só em épocas remotas quando não havia o abastecimento estruturado de água, mas também atualmente, como reservatórios de abastecimento da área urbana e sua principal fonte de armazenamento de água, aliado à construção de cisternas⁸, nas zonas rurais.

Figura 1: Localização e fotos comparativas da barragem do Araçagi.



Fonte: a) *Google Earth* (2020, com adaptações); b) Patrícia, 2020; c) Jean Andrade, 2011.

Esses reservatórios de água são os objetos construídos através das técnicas para o benefício humano. Tais obras exercem funções para a sociedade e são as marcas deixadas pelo homem de forma temporal, organizadas espacialmente e com os padrões próprios de cada sociedade. Assim como os campos cultivados, as grandes cidades ou pequenas vilas, as estradas e as áreas de comércio, prestação de serviços ou residenciais, monumentos históricos e culturais, etc., citados por Corrêa (2007).

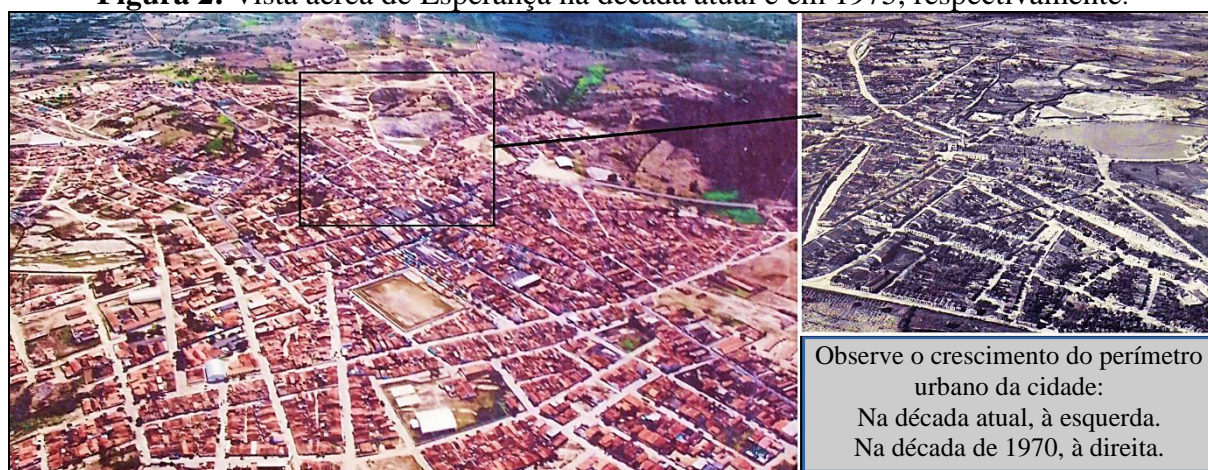
6 De acordo com Ferreira (2016), “o problema d’água começou a ser solucionado em 1958, quando o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), canalizou as águas de “Vaca Brava” (Areia-PB) para o Município de Esperança”.

7 Construída durante o projeto Canaã, no governo de Wilson Braga do estado da Paraíba. Originalmente destinada ao abastecimento humano.

8 Segundo Bohem (2017), “as Cisternas de Placas foram certificadas como tecnologia social em 2001 pela FBB, com a finalidade de captar e armazenar água de chuva. Para o consumo das famílias, o sistema permite o acúmulo de até 16 mil litros, [...] para as atividades produtivas, as cisternas são de dois modelos: Calçadão e Enxurrada, [...] as duas têm capacidade para 52 mil litros de água”.

Os campos cultivados constituem atualmente a principal fonte de renda dos agricultores do município de Esperança, que antes de se tornar uma cidade com economia moldada nas pilastras do comércio, teve seu auge econômico devido à agropecuária. O grande impulso econômico e de desenvolvimento urbano, ver Figura 2, que a agricultura proporcionou é evidente, assim como a transformação que a cidade sofreu na transição de uma economia rural/agrícola para uma economia urbana/comercial, sendo um exemplo de como a paisagem natural foi transformada. De acordo com Ferreira (2015c), no ano de 1960 o índice de construção de residências passou de três para dez.

Figura 2: Vista aérea de Esperança na década atual e em 1975, respectivamente.



Fonte: <https://www.esperanca.pb.gov.br/portal/a-cidade/fotos-da-cidade> (2020, com adaptações).

Agricultura e comércio coexistiam e ainda são correlativos atualmente, uma vez que Esperança já foi uma grande produtora de batata-inglesa (*Solanum Tuberosum*) que, introduzida ainda no início do século, chegou a revolucionar as técnicas de plantio na época, sendo por muitos anos a maior fonte de riqueza do município. Em contrapartida, Ferreira (2015a) destaca que, antes da cultura da batata-inglesa ser introduzida, ocorreu nessa região o chamado ciclo da farinha⁹.

Nesse período era comum a presença de tropeiros que percorriam grandes distâncias para a troca de mercadorias, tais como carnes, queijos, rapaduras e a farinha em quantidade, evidenciando os primeiros indicativos de seu viés comercial. Além disso, boa parte da produção do campo era comercializada nas feiras livres ou manufaturada no centro da cidade,

⁹ Segundo Ferreira (2014c), “foi o esperancense Epaminondas Câmara que identificou a presença de uma “civilização da farinha” nos brejos paraibanos, notadamente em Alagoa Nova cujo principal fomento era cultivado naquelas terras desde 1763, inclusive justificando a concessão de algumas de nossas Sesmarias”.

“[...] em 1933, o município registrou 110 casas de aviamento¹⁰ para a fabricação de farinha de mandioca e nos anos 50, eram produzidas 70 toneladas de mandioca, cerca de 30000 sacos de 60 kg”. (FERREIRA, 2015b, p. 151).

O algodão (*Gossypium Hirsutum L.*) também foi uma cultura que, mesmo competindo com o plantio de cereais e da própria batata-inglesa, não conseguiu prevalecer por um longo período. Produtos como feijão e milho sempre foram produzidos, porém, a batata-inglesa se destacou, porque no limite entre Alagoa Nova e Areia o solo fértil e o clima úmido e ameno, favoreceu o seu cultivo. Ainda no início do século XX, a cultura da batata-inglesa fomentou uma considerável movimentação financeira, assim como o algodão, considerado o “ouro branco”, e o sisal, comparando-se a sua hegemonia a dos produtores de cana-de-açúcar das cidades brejeiras do estado da Paraíba.

Segundo dados de Ferreira (2015b), em 1918 o cultivo da batata já se destacava, com uma safra calculada em 150.000 kg, mas estava sendo desvalorizado devido à concorrência nas importações e a falta de locais para o armazenamento, cuja solução só viria com a construção de um refrigerador¹¹, décadas depois. Nesse mesmo ano de 1918, estabeleceu-se em Esperança um campo experimental da cultura e, com iniciativa dos próprios agricultores, cinco anos após, a cidade já abastecia a capital da Paraíba, além de parte de Pernambuco.

Nos anos de 1920, os rendimentos da feira de Esperança, que já eram uma das maiores da região, conseguiam superar o da Vila de Alagoa Nova. “Os impostos anuais da feira corriam na ordem de quinze contos e cinquenta e dois mil réis [...]”. (FERREIRA, 2015b, p. 8). Em agosto de 1929 era fundado o banco de crédito agrícola na cidade, que também influenciou no aumento da produção de batata-inglesa.

Alguns anos depois, já em 1943, segundo Ferreira (2015b), a produção da leguminosa batia recorde, a cidade colhia uma safra de 1,2 toneladas, com uma previsão de 4 toneladas para o ano seguinte. Mesmo com uma economia baseada na cultura da batata-inglesa e sendo uma das maiores produtoras dessa leguminosa, a cidade, em 1961, já experimentava um forte impulso comercial atrelado à grande produção na agropecuária.

Esperança possuía, segundo dados de Ferreira (2015b), três moinhos de torrefação de café, uma fábrica de mosaicos e uma agência do Banco do Comércio de Campina Grande, já

10 Segundo Ferreira (2014c), “ainda hoje muito dessas indústrias rudimentares permanecem na ativa, produzindo farinha para ser comercializada nas feiras livres e mercadinhos. Mas já surge em processo mecânico através da fabricação Santa Rita no povoado de Riacho Fundo, de excelente qualidade e com grande aceitação no mercado consumidor”.

11 Segundo Barreto; Capurro e Sabourin (1999), “a produção foi desenvolvida a partir de 1975 com o Projeto Polonordeste e com a instalação de um frigorífico para a conservação da semente com capacidade de 1000 toneladas em Esperança, em 1981”.

no campo “[...] predominava o minifúndio, com 1540 propriedades distribuídas em 172 hectares. Esperança se constituía, ainda, num centro de abastecimento do grande mercado consumidor e exportador do Nordeste, que é Campina Grande-PB”. (FERREIRA, 2015b, p. 8).

Também de acordo com Ferreira (2015b), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1963 já estava há três anos atuando em Esperança, época em que o município decretou calamidade pública devido à baixa pluviosidade que começou a causar uma diminuição na produção de leguminosas. Por consequência desses fatores, surgiu uma cultura da fibra do sisal¹² (*Agave Sisalana*), que podendo ser cultivado nas regiões mais áridas se tornou uma alternativa à batata nos períodos em que a estiagem acometia o município, constituindo-se em fonte de renda para alguns agricultores.

Esperança surgiu como uma pequena povoação ao lado de outras e permaneceu ligada politicamente à cidade de Alagoa Nova por bastante tempo, mas sempre demonstrou a sua forte inclinação para o comércio, pois o produto do imposto da feira de Esperança tinha um rendimento que era igual ou até mesmo superior ao produto do imposto da feira de Alagoa Nova.

O grande impulso comercial, aliado as culturas da batata-inglesa, algodão e o agave, fomentou a riqueza de muitos indivíduos que, mais tarde, desinteressados da agricultura, migraram seus investimentos para o setor terciário, que começava a dar indícios de lucros mais efetivos. Por isso, era recorrente a figura do comerciante ser confundida com a do produtor rural, uma vez que alguns proprietários de terras e criadores de gado estabeleceram-se nesta povoação abrindo suas lojas comerciais. Em relação à feira local, observa-se na concepção do historiador Irineu Joffily¹³ apud Ferreira (2015a) que:

[...] a cidade encontrava-se em um ponto estratégico e, por sua feliz situação, fora escolhida para o estabelecimento de uma feira de gêneros alimentícios que era ‘bastante frequentada’ [...]. A feira sempre representou um marco do comércio. Muito bem frequentada, agrupa pessoas vindas de várias cidades da região, a exemplo de Areial, Montadas, Lagoa de Roça, Remígio, Algodão de Jandaíra, além de diversas localidades rurais e distritos. Pode-se dizer que a cidade se desenvolveu a base do comércio, há muito promissor. (JOFFILY apud FERREIRA, 2015a, p.45).

12 A fibra das folhas do agave (sisal), após o beneficiamento, é destinada à indústria de cordoaria (cordas, cordéis, tapetes, etc.), sendo considerada a fibra vegetal mais resistente que existe.

13 Segundo Ferreira (2014b), “Irinêo Ceciliano Pereira da Costa – Irineu Joffily (15/12/1843 – 08/02/1902) foi jornalista, redator, advogado, político, geógrafo, juiz e promotor de justiça. Fundou os jornais “Acadêmico Paraibano” (Recife-PE) e “Gazeta do Sertão” (Campina Grande-PB)”.

De acordo com Ferreira (2015a) Esperança tornou-se entreposto de ligação entre o Brejo e o Sertão da Paraíba, proporcionando à comercialização de mercadorias em um período em que a troca de produtos manufaturados e alimentícios era essencial nos municípios e, nesse quesito, a presença dos mascates¹⁴ foi decisiva para o desenvolvimento comercial da região.

Em 1860, com a construção da Capela de Nossa Senhora do Bom Conselho, o povoamento ganhou força política e foi erguido à condição de Vila (1908), beneficiando-se de certos tributos e da construção de prédios públicos. Já no ano de 1925, estabelecida nos pilares do comércio e da agricultura e com o apoio de alguns agentes sociais locais, a Vila foi emancipada, ganhando assim a sua independência política e econômica.

De acordo com dados de Bento (2018), os principais movimentos de emancipação política da cidade tiveram início no mês de maio de 1925 com um levante em prol da questão. Esse movimento ganhou bastante força no discurso de Silvino Olavo¹⁵, que declamava: “*Esperança – Lírio Verde da Borborema*”. Segundo Ferreira (2011a), essa ideia gradualmente foi ganhando novos adeptos, entre eles nomes como o Coronel Elísio Sobreira, chefe de polícia do Estado e o deputado Antônio Guedes, que apresentou o Projeto de Lei número 13, que finalmente criava a cidade de Esperança.

Após uma terceira discussão em plenário, o projeto foi votado e aprovado e, no dia 1 de dezembro de 1925, era publicada no jornal A União, a Lei número 624, dando origem ao Município de Esperança, que se instalou no dia 31 daquele mês e ano. De acordo com Souza (2012), na divisão administrativa realizada em 31 de dezembro de 1936, Esperança tinha apenas a sede como o único distrito, mas em 1937, dois outros distritos foram criados, o de Areal e o de Montadas, os quais foram emancipados em 1961 e 1963, respectivamente.

Após analisar todos os dados históricos da cidade de Esperança, é possível afirmar que essa sempre foi uma localidade progressista, mesmo quando ainda pertencente à Vila de Alagoa Nova, pois já possuía suficiente autonomia econômica para ser classificada em um nível hierárquico superior, principalmente devido ao produto da feira local que muitas vezes superava o de Alagoa Nova, não só a feira como também a presença dos mascates possibilitaram que, ao longo das décadas, Esperança pudesse se estabelecer economicamente.

A sua posição geográfica favorável também permitiu que se estabelecesse um entreposto de produtos entre Brejo e Sertão e, além de ser o caminho dos tropeiros, o espaço

14 Mascate são mercadores ambulantes, vendedores que oferecem mercadorias em domicílio.

15 Silvino Olavo foi um poeta, jornalista e escritor e também uma pessoa muito ilustre e grande influente no período relativo à emancipação política do município de Esperança, em 1925.

que se configurou como o centro geográfico da cidade era estrada para Campina Grande, o que permitia que Esperança mantivesse no seu centro urbano um constante movimento de pessoas e mercadorias.

A cultura da batata-inglesa, principalmente, foi a matriz para que a economia da cidade, quando já emancipada, pudesse crescer, porém, o clima sempre foi um fator dificultoso para os produtores, que viam na agricultura um investimento volátil a cada ano. Já o comércio demonstrava ser um investimento mais seguro e, à medida que a cidade crescia, assim como também o número de consumidores, via-se no centro um aumento no número de empreendedores, fossem esses os grandes donos de terra ou mesmo as famílias de pequenos agricultores, que ao longo das décadas se tornaram os agentes responsáveis por modificar o espaço do centro de Esperança.

Nesse contexto surge o debate sobre a implicação desta transformação na cidade, uma vez que seu centro possui uma mínima influência sobre as demais urbes próximas ao seu território, cujo alcance ultrapassa os limites territoriais do município, havendo a valorização desse espaço. Como consequência há uma concorrência entre os agentes sociais que gera a segregação socioespacial desses indivíduos interessados no uso igualitário do solo, uma vez que aqueles sem condições econômicas são obrigados a se instalarem distantes do centro.

Contudo, Esperança é uma cidade pequena e os valores do uso do solo são considerados baixos pelos grandes e pequenos investidores de centros urbanos maiores, desse modo, por mais que essa segregação seja perceptível entre os habitantes locais, os custos para a instalação e manutenção de um empreendimento continuam sendo inferiores se comparados aos custos de estabelecer um comércio, por exemplo, no centro da cidade de Campina Grande.

3 OS AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO DE ESPERANÇA: CENTRALIDADE E SEGREGAÇÃO.

A ação dos agentes sociais, em maior ou menor escala, é o que torna o processo de organização espacial algo complexo. Para Corrêa (1989), a complexidade desses agentes e de suas práticas gera um processo de reorganização constante do espaço e do conteúdo socioeconômico de determinadas áreas da cidade. É um trabalho que está sempre derivando não só do acúmulo de capital financeiro, elemento que surge nas relações de produção capitalista, mas também decorre da maneira como esses agentes se compreendem e se relacionam no território e na sociedade em que estão inseridos.

Desta maneira, os interesses econômicos dão forma ao urbano, enquanto as inclinações e características da sociedade e do indivíduo concedem vida e dinamizam a cidade. Essas mudanças influenciam não somente o espaço físico, como também as relações, sentimentos, modo de viver e cada indivíduo que atua nessa modificação, sejam por meio da construção de uma nova mercearia no bairro ou de um *shopping center* no centro da cidade, ou até mesmo por um simples elo de vizinhança. Na concepção de Silveira (2003):

A cidade é um centro de gestão do território não apenas enquanto sede de empresas, mas também enquanto sede de poder religioso e político. Além disso, uma cidade não é apenas um local em que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e consumidos; uma cidade é um local onde as pessoas se organizam e se interagem com base em interesses e valores diversos, formando grupos de afinidade e de interesse, menos ou mais bem definidos territorialmente com base na identificação entre certos recursos cobiçados e o espaço, ou na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar. (SILVEIRA, 2003, p. 28).

Muitas vezes, as obrigações como o progresso de vida e o bem-estar social são negligenciadas em prol do desenvolvimento econômico no intermédio desses processos. As cidades carecem, no seu desenvolvimento socioeconômico, do comércio, dos serviços, da indústria e dos consumidores, mas também de lazer, moradias e pessoas satisfeitas com acesso ao poder de compra.

É dessa forma que os bens e serviços são distribuídos na sociedade capitalista, expondo as desigualdades na construção e no uso dos espaços das cidades, uma vez que quem comanda é a especulação derivada dos grupos detentores do solo e do capital. Todos os indivíduos participam desse processo de (re)produção do espaço urbano, mas não da mesma forma e alguns (os pobres) com menos poder de decisão, o que corrobora na fragmentação do uso do espaço.

De acordo com Corrêa (1989), os espaços funcionais de qualquer cidade se constituem num conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Essa utilização desigual, mas combinada de usos, define áreas como o centro da urbe, o local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gerenciamento, as zonas industriais e residenciais, além de lugares para lazer e as áreas de futura expansão.

Na cidade de Esperança, esse uso do solo proposto por Corrêa (1989) é bem perceptível, já que há um centro, ainda voltado para a elite e para o comércio; duas áreas periféricas principais, na saída para São Sebastião de Lagoa de Roça-PB e na saída para Remígio-PB, que são zonas de subúrbio e, principalmente, residenciais; além das áreas rurais que, mesmo com o êxodo, ainda são bastante povoadas nos seus diversos minifúndios, geralmente abrigando as famílias remanescentes de agricultores, que se recusam (por opção ou não) a se estabelecerem na zona urbana da cidade.

Atualmente, segundo dados do censo do IBGE (2010), 71% da população de Esperança pertencem à zona urbana, enquanto a população rural representa 29% dos habitantes. No centro da cidade, as únicas residências que ainda concorrem com os prédios comerciais são as das elites locais, com alto poder aquisitivo e condições de habitar nesse espaço, no qual a supervalorização expulsa os mais pobres para áreas mais distantes e menos valorizadas da cidade.

Isso conseqüentemente, gera espaços com preços mais acessíveis, como, por exemplo, as comunidades do Britador e da Pista, espaços que se localizam nas franjas urbanas de Esperança e que muitas vezes são a única opção para as famílias mais carentes, até mesmo as residências advindas de programas sociais ou loteamento para comunidades pobres se localizam muito distantes do centro, próximas as já citadas comunidades rurais.

Em casos a parte, seguindo alguns padrões das cidades brasileiras, as zonas periféricas da cidade também são procuradas por pessoas de alto poder aquisitivo, seja para a construção de residências, como no caso do condomínio fechado Vale Nevado, ou para construção de empresas, como ocorre com a Almeida Distribuidor de Materiais de Construção, nesses casos tem-se um espaço valorizado, porém distante do centro da cidade. É notável que, mesmo sendo uma cidade pequena, Esperança apresenta uma estrutura urbana peculiar e complexa com a presença de vários bairros e comunidades.

Fica perceptível o uso justaposto e fragmentado do solo, principalmente nos espaços residenciais da cidade, nesse caso, os promotores imobiliários¹⁶ exploram e acomodam o solo diante das necessidades por moradias elitizadas destinadas à população de média e alta renda, localizadas no perímetro central e nos bairros Nova Esperança, Belo Jardim e Lírio Verde. Com exceção do condomínio Vale Nevado que fica em área periférica, a maior parte da elite de Esperança se localiza no centro.

A partir do exposto pode-se concordar com Harvey (1980, p. 139) ao afirmar que “há numerosos e diversos atores no mercado de moradia, e cada grupo tem um modo distinto de determinar o valor de uso e o valor de troca”. Este preço é determinado pela valorização do solo, como acontece nas áreas centrais, nas quais o valor de troca se sobressai ao valor de uso.

De outra forma ocorre nas áreas periféricas das cidades, em que o custo de uso é mais importante que o de troca, a exemplo das comunidades do Britador e da Pista, ou nos bairros do Portal, Beleza dos Campos e a zona periférica do bairro Lírio Verde, bem como os inúmeros loteamentos nas franjas urbanas que surgiram nas últimas décadas. Considerando a fragmentação do solo proposta por Corrêa (1989), Esperança possui, além de suas zonas comerciais e residenciais, as zonas de futura expansão, que geralmente se localizam nas franjas urbanas, locais em que é visualmente perceptível o uso do solo para o loteamento de terrenos.

A população de camadas sociais menos privilegiadas reside também em localidades como o Portal, um bairro periférico que antes era uma grande propriedade rural situada longe do centro, nesses casos os proprietários fundiários¹⁷, como agentes produtores do espaço, “[...] atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades” (CÔRREA, 1989, p. 16). A expansão das áreas periféricas da cidade através do loteamento de terrenos, que antes já foram propriedades rurais, é uma característica comum, principalmente em cidades pequenas.

Por mais que seja um espaço periférico, o Portal é um dos bairros que mais cresce em número populacional em Esperança. Localizado na saída para Areial, às margens da chamada

16 Segundo Corrêa (1989) apud Tabarin (2017, p. 26), “os promotores imobiliários são aqueles que realizam as seguintes ações [...]: a) incorporação, na qual se realiza a gestão do capital na fase de sua transformação em mercadoria, são definidos tamanhos das unidades, qualidade da construção, construtoras, propagandas e estratégias de venda; b) financiamento, que é a formação de recursos monetários provenientes de pessoas físicas e jurídicas, para a compra do terreno e construção do imóvel; c) estudo técnico para implantação da obra; d) construção física, realizada por firmas especializadas; e) comercialização, executada por corretores, planejadores de vendas e profissionais de propaganda”.

17 Segundo Corrêa (1989) apud Tabarin (2017, p. 27) os agentes fundiários “[...] se interessam constantemente na conversão de terra rural em urbana, a partir do aumento do perímetro urbano, já que as terras urbanas são mais valorizadas que as rurais”.

estrada da batatinha¹⁸, foi criado a partir do Plano Diretor da cidade¹⁹ e engloba os loteamentos Portal e Village. É um espaço acessível para a maioria da população, tanto economicamente quanto geograficamente, a distância do centro da cidade é facilmente percorrida com o uso de transportes alternativos. O portal também se caracteriza por ser um bairro de uso essencialmente residencial e socialmente desvalorizado.

Atualmente este bairro vem se tornando atrativo para a população mais pobre e, apesar de sua relativa distância do centro da cidade, possui algumas pequenas empresas que proporcionam emprego, pequenos e diversos comércios que contribuem para a valorização do solo e expansão do bairro. Contudo, a realidade engloba problemas que dizem respeito à infraestrutura básica para a população, como a falta de canalização de água e esgotamento sanitário, elementos que tornariam o bairro mais receptível para a população. Para Corrêa (1989) apud Tabarin (2017):

No regime de sociedade de classes vigente no capitalismo, há diferenças sociais no acesso aos bens e serviços. Esse diferente acesso também ocorre com a habitação, a partir da dificuldade no pagamento da moradia para cidadãos de baixa renda. Com isso, essa população encontra alternativas para a garantia de sobrevivência que vão de cortiços, invasão de terrenos, favelas e conjuntos habitacionais. (TABARIN, 2017, p. 27).

Outra característica é a existência de vários lotes em obsolescência, adquiridos por investidores em períodos que seus valores estavam abaixo da média atual para vendê-los posteriormente quando o solo estivesse valorizado, mas que atualmente estão praticamente abandonados, enfeando as ruas e impossibilitando a chegada de novos moradores e essa é outra característica dos agentes imobiliários, pois, quando um novo loteamento de terrenos surge, os preços mais acessíveis são um atrativo para pequenos investidores que buscam lucrar com a posterior valorização daquele espaço.

Ademais, observa-se que o crescimento da cidade ocorre em torno do centro, pois não é mais possível que haja um aumento residencial horizontal, na zona central da cidade, além de que Esperança ainda não possui um crescimento vertical de prédios que mereça destaque. O condomínio da cidade reflete a mesma tendência de moradia das elites presentes em outras cidades brasileiras, em uma área residencial valorizada, mas distante do centro da cidade, o condomínio Vale Nevado está localizado entre o Bairro do Portal e a empresa Almeida Distribuidor de Material de Construção, ver Figura 3.

18 Rodovia PB-121 é denominada Estrada da Batatinha, na interligação das cidades Esperança/Areial/Pocinhos até a BR-230.

19 Ver: PME. Plano diretor participativo de Esperança. Relator: João Delfino Neto. Esperança: 2006. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-esperanca-pb> Acesso em: 1 de novembro de 2020

Figura 3: Localizações do Condomínio Vale Nevado e do Bairro do Portal.



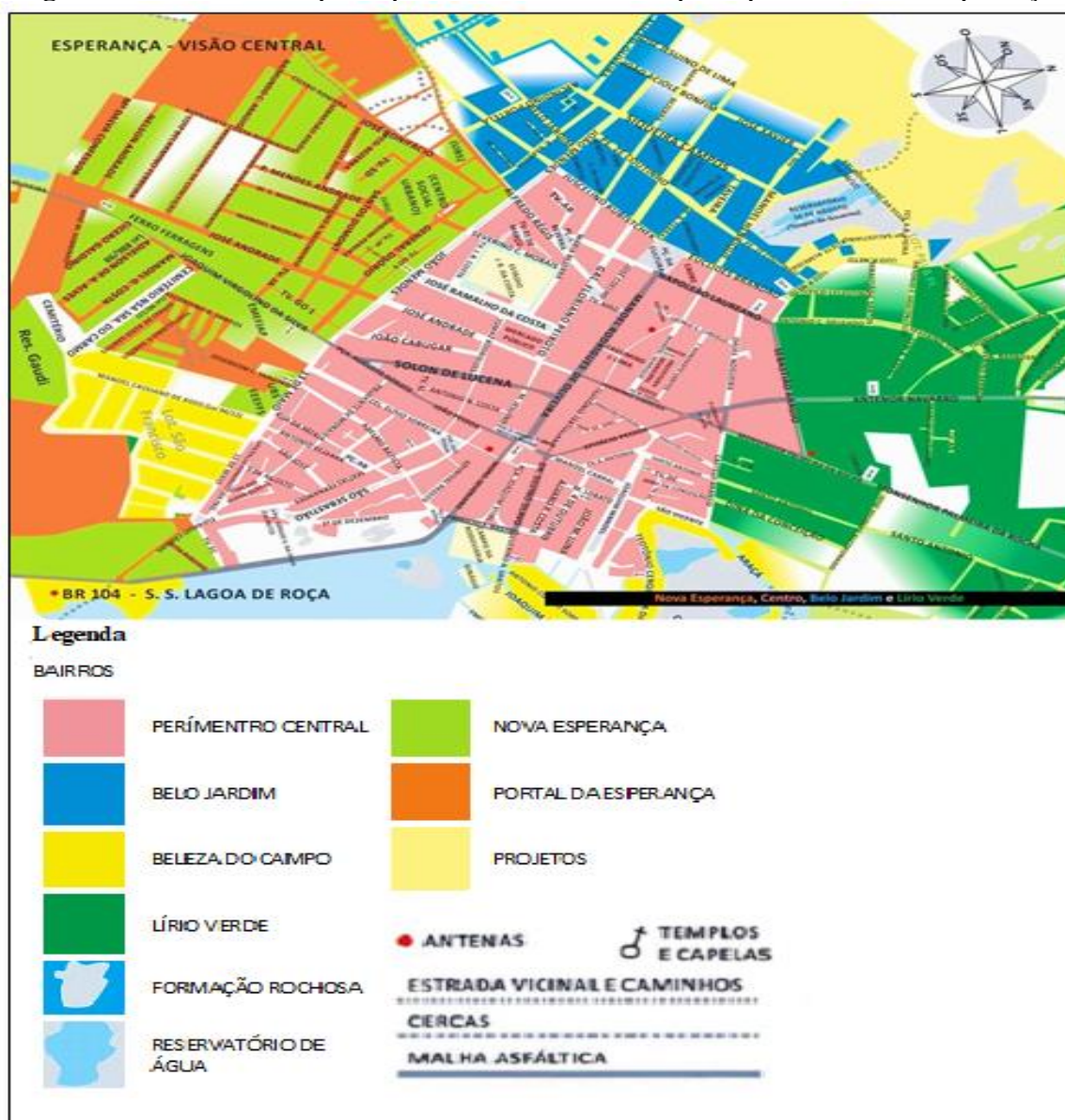
Fonte: *Google Earth*, (2020, com adaptações).

Observando a Figura 3, percebe-se que o centro da cidade, a área em torno da igreja matriz, é densamente habitada, justamente pela quantidade de residências existentes, já o bairro do Portal, apesar de possuir um espaço relativamente grande, ainda assim não é densamente povoado, nota-se vários lotes de terrenos ainda vazios, demonstrando suas características como loteamento periférico e também sua capacidade de futura expansão. Observa-se também a expansão periférica da cidade, através da conversão de lotes rurais em zonas urbanas, contudo, as zonas periféricas da cidade ainda possuem elementos bem característicos do meio rural.

Na Figura 4²⁰, é possível observar a distribuição e a fragmentação do solo e como o espaço da cidade está distribuído, principalmente no seu crescimento periférico. Nota-se que a área central, destacada em róseo, é a maior e mais valorizada zona da cidade, onde a maioria dos prédios comerciais, de serviços e residenciais de alto valor estão localizadas. No entorno da área central, destacada nas cores verde e azul, há um número alto de residências de alto padrão, e, por fim, nas franjas urbanas, em destaque os setores sudoeste e nordeste, há a apropriação do solo pela população pobre, formando zonas de subúrbio e comunidades desvalorizadas, política e socioeconomicamente.

²⁰ Ver também os Anexos A e B.

Figura 4: Recorte do mapa do perímetro urbano e dos principais bairros de Esperança.



Fonte: Guia Comercial Metropolitano, (2016, com adaptações).

Com isso, percebe-se que o modo de produção capitalista gera, de maneira excludente, novas formas urbanas, em que o solo, na sua forma fragmentada, apresenta o uso pouco convidativo, ver Figura 5. Em Esperança, esse não é um fenômeno atual, pois é perceptível a segregação urbana desde o auge da cultura da batata-inglesa, quando o centro da cidade era voltado para as elites, enquanto os trabalhadores, em sua maioria pobre, residiam nas zonas rurais e que, após um grande êxodo para a zona urbana, formam hoje, em partes, as comunidades mais carentes do município que residem nas áreas periféricas.

Figura 5: Categorias de residência de acordo com sua localização em Esperança.



Fonte: Google Maps, (2020, com adaptações).

Logo, o centro que historicamente sempre foi voltado para a elite, com a atual valorização do solo, principalmente pelo grande impulso comercial, é um local inviável para os que não possuem alto poder aquisitivo de adquiri-lo. Outra característica da valorização do solo diz respeito às transformações na paisagem urbana que ocorreram durante as últimas décadas, pois, embora haja um uso majoritário do solo pelos agentes imobiliários, há um crescimento do número de espaços comerciais e de prestação de serviços.

Se antes existia uma vila, em que a ocupação do solo era basicamente residencial, hoje há um centro apropriado pelos agentes comerciais que surge historicamente devido a sua posição geográfica, beneficiados com o caminho dos tropeiros que percorriam as cidades para comercializar seus produtos e, posteriormente, com a construção da BR 104. A disponibilidade de produtos e, principalmente, serviços na cidade de Esperança vem atraindo um fluxo considerável e crescente de pessoas vindas de outros municípios, o que gera investimentos de empresários e microempresários, tanto locais como oriundos de outras regiões, interessados nesse fluxo.

Muitos proprietários de residências no centro da cidade reformam suas propriedades com o intuito exclusivo de locar o espaço (por valores altos) para empresas e prestadoras de serviços se instalarem no centro (ou até mesmo para microempresários locais), nesse caso o prédio muda sua função, sendo destinados aos empreendimentos de serviço e ao comércio, ver Figura 6, no qual diversas categorias de serviço ou produto são ofertadas.

Figura 6: Prédio de uso comercial e de prestação de serviços.



Fonte: Google Maps, (2020, com adaptações).

O fato de os prestadores de serviços e comerciantes não serem os proprietários dos imóveis faz com que haja uma diversificação nos serviços e produtos que são encontrados no centro, já que muitas vezes o comerciante deixa o local, por não ter tido lucro, pelos altos valores do aluguel, etc., permitindo que outro comerciante se instale no mesmo espaço, ou seja, em determinado período tem-se uma loja de roupas, em outro uma lanchonete e essa rotatividade dinamiza os pequenos comércios da cidade.

Como outro exemplo, podem-se citar os casos das construções no centro da cidade, que, em alguns exemplos, são prédios locados para comerciantes e prestadores de serviços, como as clínicas odontológicas, lojas comerciais, supermercados, instituições financeiras, entre outros e, na maioria das vezes, são filiais de empreendedoras maiores.

Esse crescimento vertical de uso residencial, permite que a elite populacional e o agente comercial coexistam no centro da cidade. Nesta situação, quando um prédio possui mais de um andar, o inferior é arrendado para uma prestadora de serviços enquanto o superior é a habitação do proprietário, havendo entre os dois uma relação mútua, como é observado na Figura 7, em que a clínica odontológica está instalada na parte inferior de um prédio no centro da cidade, enquanto na parte superior existe uma residência familiar, nesse caso houve o arrendamento do espaço para a prestadora de serviços.

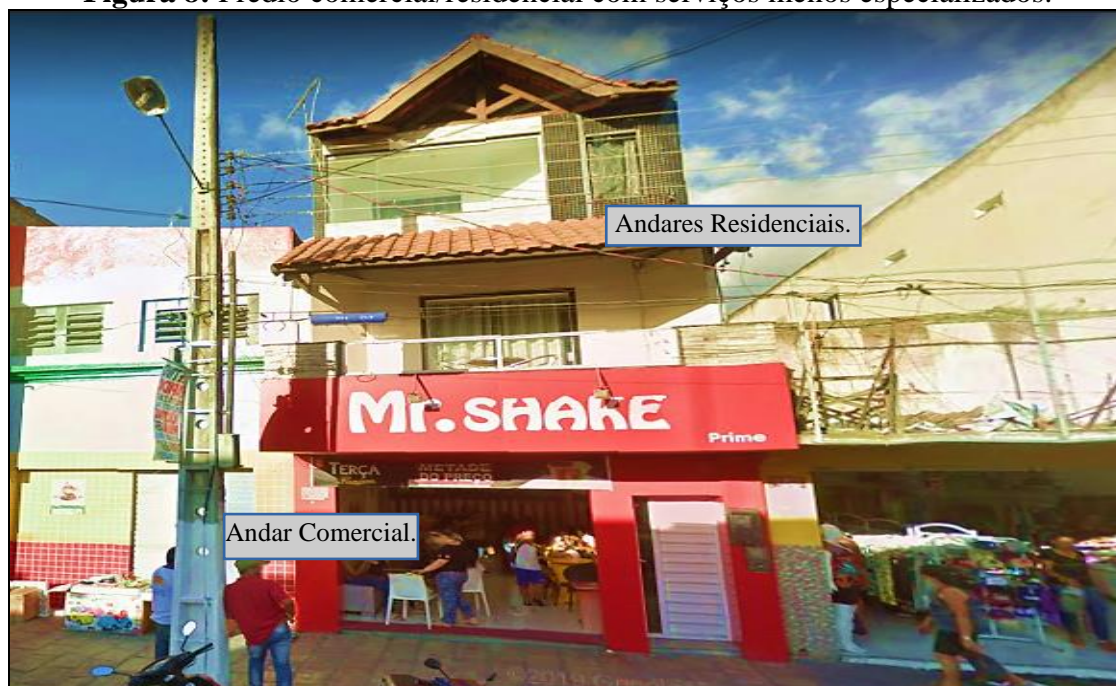
Figura 7: Prédio comercial/residencial com serviços especializados.



Fonte: Google Maps, (2020, com adaptações).

Contudo, o mesmo proprietário do imóvel também pode ser o dono do comércio instalado, porém, nesses casos, o serviço ou comércio ofertado é menos sofisticado, ver Figura 8, geralmente sendo algum empreendimento mais informal se comparado com os que são prestados por uma empreendedora de maior porte. Com essas características fica perceptível a forma como o solo é usado por estes agentes no centro da cidade, pois, por mais que exista uma demanda por áreas de comércio, o fato de ser uma cidade pequena torna Esperança uma urbe que, em suma, tem seu espaço urbano voltado para o uso dos interesses dos agentes imobiliários.

Figura 8: Prédio comercial/residencial com serviços menos especializados.



Fonte: *Google Maps*, (2020, com adaptações).

Este processo não se aplica apenas às prestadoras de serviços, mas também aos grupos comerciais, que disputam o solo e o espaço da área central da cidade, no qual os proprietários de prédios que estão localizados no centro aproveitam a alta concorrência para obter lucros, ou seja, é mais proveitoso para o proprietário manter a posse do imóvel e apenas alugá-lo para diferentes empreendedores do que se desfazer definitivamente do mesmo.

Esse fenômeno é visível ao longo dos anos, nos quais diversos comércios pequenos surgem e se desfazem ou mudam de lugar, contudo, geralmente os grandes comércios tendem a se manter na mesma localização por um período maior de tempo. Outro processo perceptível em Esperança é a substituição residencial por áreas comerciais, extinguindo as antigas edificações com toda sua história e cultura.

Poucas casas mantêm a arquitetura original no centro da cidade, ver Figura 9, pois não existe interesse em preservar a paisagem histórica do município, prevalecendo neste uma lógica mercadológica, como ocorreu com a agência do Banco do Brasil, que foi construída no espaço do antigo cinema local e da antiga casa do primeiro prefeito²¹ da cidade de Esperança e sua família, até a sua morte ocorrida no começo da década de 50, ver Figura 10.

²¹ Segundo Bento (2018), no dia 1 de dezembro de 1925, quando Esperança desmembrou-se de Alagoa Nova, o primeiro prefeito, por nomeação, foi Manoel Rodrigues de Oliveira e Teotônio Thertuliano da Costa foi o seu vice-prefeito.

Figura 9: Edifícios atuais com estrutura arquitetônica quase idêntica à original em Esperança.



Fonte: a) *Google Maps*, (2020, com adaptações); b) Klinsmann Emanuel, 2020.

Figura 10: Transformação devido à construção da agência do Banco do Brasil em Esperança.



Fonte: a) <https://revivendoesperancapb.blogspot.com> (2013, com adaptações); b) *Google Maps*, (2020, com adaptações).

Essa nova paisagem criada pela ação humana e envolta pelo desenvolvimento capitalista torna-se parte do espaço atual da cidade que, em seu uso fragmentado, mostra-se cada vez mais receptivo aos processos de modernização e da globalização. O capital e o desenvolvimento econômico e social são elementos que geram transformações na paisagem

urbana, porém, por mais que essas modificações não sejam nada malélicas para a sociedade, no intermédio desses processos há uma perda da identidade histórica e cultural para a comunidade. Contudo, houve também mudanças por interesses culturais, como no caso da própria igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho, da cidade de Esperança, que sofreu diversas reformas²² em sua arquitetura tornando-se atualmente diferente da construção original, ver Figura 11.

Figura 11: Estrutura externa da igreja matriz (antes e depois).

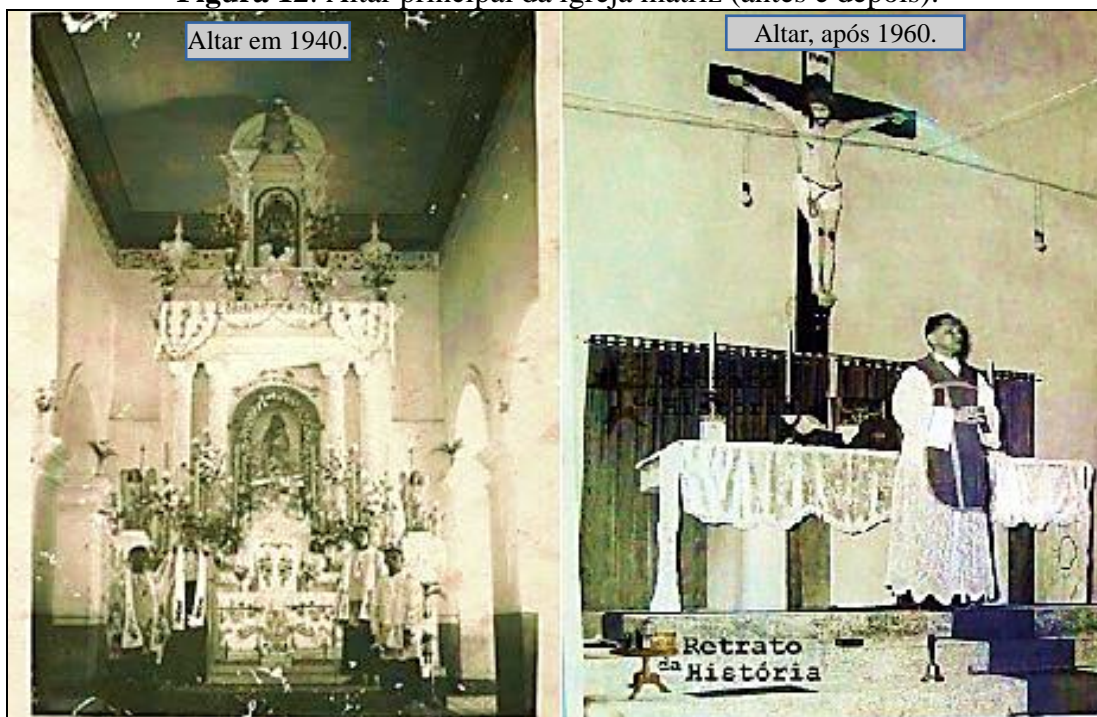


Fonte: a) <https://fotosesperancadeouro.blogspot.com> (2016); b) *Google Maps*, (2020, com adaptações).

Na administração do Padre João Honório, até o início da década de 1950, não houve mudanças no altar principal que, devido ao seu estilo, a missa era celebrada como determinava a antiga liturgia em Latim. Nos meados da década de 1960, houve a reforma do altar principal, ver Figura 12. Em seu interior existia um imponente altar no estilo barroco, com diversas imagens e, segundo Ferreira (2011b), Monsenhor Palmeira foi o responsável pelas modificações que ocorreram nesse altar, seguindo orientação do Concílio Vaticano II²³.

22 Segundo Ferreira (2011b), “Monsenhor João Honório, quando administrou a paróquia (1937-1951), alterou a fachada do templo. Os trabalhos tiveram início no dia 08 de novembro de 1939, retirando as antigas torres e deixando apenas uma central, com aproximadamente 14 metros. Na parte interna, foram feitos “consertos no forro de toda a nave e corredores, limpeza e pintura geral e nova instalação elétrica” (Livro Tombo I: 03/02/40)”.
23 O Concílio Vaticano II, XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "*Humanae salutis*", pelo Papa João XXIII.

Figura 12: Altar principal da igreja matriz (antes e depois).



Fonte: <https://revivendoesperancapb.blogspot.com> (2012, com adaptações).

Conforme observa Santos (2008), a produção do espaço urbano ocorre por um conjunto de diferentes objetivos, produzindo e recriando o espaço que se apresenta cada vez mais receptivo às ações da globalização, evidenciando a sobreposição das características econômicas sobre as sociais e, enquanto recria o mundo, ocorre que, a globalização também homogeneiza os locais e, apesar de Esperança possuir uma história rica e uma diversidade cultural, o advento da modernização, cada vez mais, modifica a sua paisagem urbana.

Atualmente Esperança possui seus pilares econômicos, um voltado para o comércio e outro, principalmente, voltado para a prestação de serviços, por isso o uso do solo, nesse caso, é regido pelos interesses destes agentes sociais, porém, o crescimento do centro e sua consequente valorização também segrega a população entre aqueles que possuem poder aquisitivo e os que não possuem. Contudo, os espaços da cidade, se comparados aos espaços de uma urbe maior, ainda possuem preços bem acessíveis para aqueles que não conseguem se estabelecer diante da concorrência de um grande centro urbano, por isso é comum que muitos microempresários de cidades maiores se estabeleçam no centro de Esperança.

Isso não se aplica apenas aos agentes comerciais, mas também aos agentes imobiliários, porém, apesar de todos os problemas relacionados à preservação histórica do lugar, não há como negar a importância desta cidade e do seu centro para a economia local e para as cidades no entorno de sua malha urbana. A diversidade de pequenos comércios e

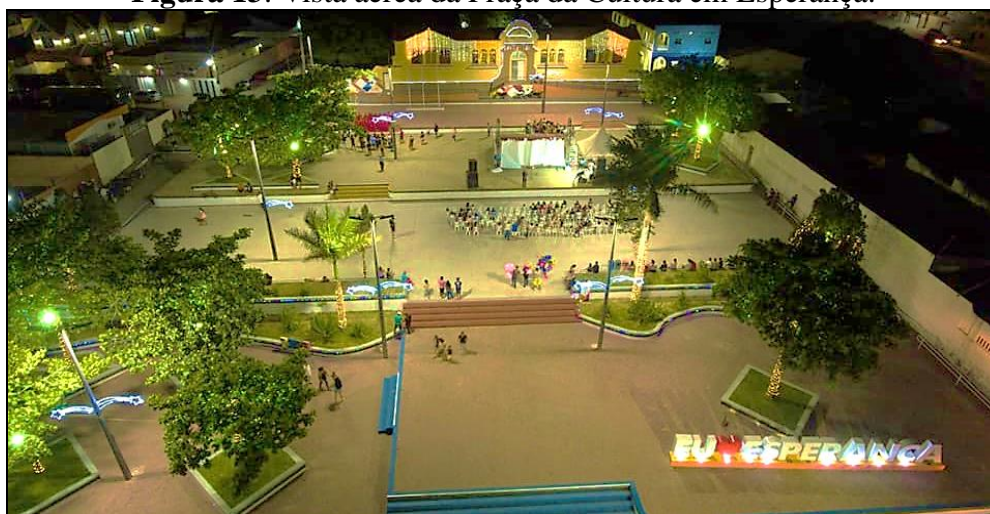
serviços, aliados à feira semanal, constituem o principal motivo pelo qual há um grande movimento de pessoas vindas das cidades pequenas próximas à Esperança, porém, a diversidade cultural, histórica e ambiental poderiam se tornar meios para atrair um pequeno fluxo turístico para a cidade, pois Esperança possui diversos espaços naturais, locais históricos e vários festivais culturais que poderiam ser melhor aproveitados, esses fatores levam à discussão de como essas características estão sendo sobrepostas pelos interesses econômicos.

4 OS ESPAÇOS E PAISAGENS DE LAZER NA CIDADE DE ESPERANÇA: IDENTIDADE CULTURAL E MODERNIZAÇÃO.

Segundo Castro (2010), em suas configurações espaciais, as cidades pequenas apresentam características comuns em suas composições territoriais, é recorrente que exista uma igreja católica no centro da cidade, geralmente próxima de uma praça principal e de uma área comercial cercada por residências. Esses são elementos comuns à muitas cidades pequenas encontradas no Brasil, em Esperança não difere, pois o centro da cidade se formou no entorno da igreja Nossa Senhora do Bom Conselho, na atual rua Manoel Rodrigues de Oliveira, que fica de frente para a principal praça da cidade: a Praça da Cultura.

A Praça da Cultura é um importante espaço cultural para a pequena cidade de Esperança, reúne pessoas de todas as idades e de diferentes locais da urbe. É nesse espaço que as mais diferentes características sociais são efetivadas, seja através do elo cotidiano entre os habitantes locais ou das festividades e eventos promovidos pela prefeitura ou por entidades religiosas, é nesse local que as pessoas se encontram e se reúnem, e assim tem sido por várias décadas. Contudo, essa pequena praça já sofreu diversas transformações em sua paisagem ver Figuras 13 e 14, tanto oriundas da própria sociedade, como através de intervenções do Estado²⁴, porém, a sua importância como um pequeno centro cultural nunca foi afetada, a população se reúne na praça, independentemente da época ou de seu formato.

Figura 13: Vista aérea da Praça da Cultura em Esperança.



Fonte: Prefeitura Municipal de Esperança, 2020.

24 Corrêa (2007, p. 3) afirma que: “o Estado atua também na organização espacial da cidade. Sua atuação tem sido complexa e variável tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte integrante.”

Figura 14: Modificações na paisagem da Praça da Cultura em Esperança.



Fonte: <https://revivendoesperancapb.blogspot.com> (2012).

Como afirma Corrêa (1999b) apud Paiva (2015), cultura e cidade são conceitos imensamente relacionados. Contudo, quando se estuda as cidades pequenas surge uma problemática referente a sua classificação: qual a diferença entre cidades médias, pequenas ou grandes? Segundo Paiva (2015, p. 56), em um contexto histórico e cultural, “às cidades pequenas, coube adjectivá-las como lugares de “vida simples”, com existências atreladas ao limite entre os caracteres próprios tanto do modo de vida urbano quanto os do rural”.

Contudo, como afirma Harvey (1996, p. 55), “acima de tudo a cidade tem de parecer como lugar inovador excitante, criativo e seguro para viver, visitar, para jogar ou consumir”. Uma cidade pequena não será atrativa, turisticamente, para os indivíduos de outras localidades, isso porque os laços sociais e culturais dessa cidade pequena são formados no contexto e do convívio daquela sociedade, ou seja, esses pequenos laços são bens imateriais da cultura local, sendo algo indiferente para a economia da cidade. Nesse contexto, Carvalho (2017) ressalta que:

Com a relação entre os indivíduos de uma sociedade, surge costumes característicos de cada população, considerados como cultura regional dos povos, que por muitas vezes causam certo estranhamento entre a realidade da cultura que se vive àquela proveniente de outras localidades. A comunicação entre os indivíduos, que faz parte das características culturais de determinada sociedade, os fazem se diferenciar de comunidades diferentes daquela na qual ele cresceu e se adaptou a seu meio, algo que quando o mesmo desloca-se para um lugar com costumes culturais opostos ao que é adaptado difunde para outros povos os costumes culturais que fazem parte de suas raízes. (CARVALHO, 2017, p. 5).

Algumas cidades locais se destacam e se tornam grandes centros de visitação, mas quando se trata de lazer, como mercadoria ou um serviço terceirizado, existe uma tendência de as cidades grandes serem um espaço com maiores ofertas e, muitas vezes, têm-se um processo de mercantilização da cultura local, porém não é um fenômeno que se resume às

grandes urbes, as pequenas cidades também se beneficiam desse processo de mercantilização. Por mais que uma cidade pequena não seja influente culturalmente, há casos em que algum elemento, assim como ocorre com outros setores econômicos, se destaque e gere centralidade.

A cultura de uma sociedade não se resume apenas a bens materiais, segundo Castro (2010, p. 111), “não só as formas espaciais exibem as práticas culturais como também os aspectos imateriais ou mesmo o nome de uma região ou cidade”. Por exemplo, segundo Corrêa (2003) apud Castro (2010, p. 111), “a toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural”.

O nome de um lugar pode muitas vezes revelar não apenas sua identificação, mas também expressar as suas práticas culturais. A Praça da Cultura é um bom exemplo, é um espaço, fixo, que possibilita a concretização dos fenômenos culturais, os fluxos, através da convivência nesse local, ou seja, a praça é um bem material, mas a identidade da população que se formou através dela é um bem imaterial. Segundo Carvalho (2017, p. 5), “a Praça da Cultura da cidade de Esperança-PB foi se formando através da junção de características próprias da população habitante, sejam elas fixas ou fluxas, oferecendo a este espaço uma rica paisagem cultural”.

A cidade de Esperança possui uma história rica e diversificada, mesmo que sua preservação não seja prioridade no seu atual contexto de desenvolvimento econômico. Esperança não possui uma centralidade cultural assim como acontece com o seu setor comercial e de prestação de serviços. Por ser uma cidade sem destaque para espaços de lazer (em contraste com os grandes centros urbanos), o público externo é atraído apenas para fazer compras ou suprir suas necessidades mais emergentes, na prática, faltam prédios de hotelaria, locais para visitação e lazer, cinemas, praças mais atrativas, etc., ou ainda algum elemento que gere influência nesse segmento. Para a população local, os espaços de lazer existentes suprem as suas necessidades, mas essa falta de diversificação ou simplicidade do lugar afeta diretamente na polarização de fluxos vindos de outros locais.

O serviço público de Esperança, no que lhe concerne, constrói algumas praças, que geralmente são destinadas à população local de um bairro, ou, muitas vezes, promove festas relacionadas aos costumes locais, como o São João e o Carnaval, porém “o homem precisa mudar de paisagem, especialmente o homem ocidental, e evadir-se da rotina de sua vida cotidiana” (ARRILLAGA, 1976, p.150). Por isso, muitas vezes a população “consome” lazer em outras cidades, geralmente mais atrativas nesse aspecto. Em Esperança ainda falta interesse dos investidores e agentes privados em criar estabelecimentos mais diversificados,

apenas os serviços como os de alimentação são bastante variados e bem frequentados na cidade.

Basta caminhar um pouco por qualquer rua, principalmente no centro, que será possível encontrar um espaço de alimentação, entre restaurantes, *pizzarias*, sorveterias, padarias, bares, churrascarias e pastelarias; além dos diversos e pequenos comerciantes que montam suas barracas na rua ou em frente de sua casa para vender alimento caseiro ou os muitos que saem nas ruas, a pé ou com veículos, anunciando seus produtos, característica ainda corriqueira nas sociedades das cidades pequenas. Esses estabelecimentos atendem majoritariamente a comunidade local, na prática, não geram fluxo de pessoas para a cidade.

É comum nas cidades menores encontrar poucas áreas de lazer, apenas aquelas mais simples, como pequenas praças, nas quais a população costuma se reunir²⁵. Para Silveira (2003), o espaço urbano pode ser compreendido por diversas óticas, como por características demográficas, por sua morfologia, por suas funções, por seu papel econômico e social, etc. Por fim, esse meio adquire qualidades culturais e os valores da população. Nesse caso, por vezes, cultura e lazer coincidem nos espaços das cidades locais, justamente porque os pontos turísticos, culturais e históricos acabam sendo, na falta de outros estabelecimentos, a única alternativa de um espaço lazer para os habitantes.

Existem também pontos turísticos históricos reconhecidos socialmente, como a Capelinha de Esperança, que fica no ponto mais alto da urbe e possui uma visão privilegiada. Em se tratando de lazer, os espaços culturais, incluindo os não materiais, e espaços destinados exclusivamente ao lazer são essenciais para movimentar turisticamente uma cidade, nesse caso Esperança possui, com suas características, um pequeno potencial turístico religioso-histórico-cultural pouco aproveitado, porém, não há demanda que justifique investimentos nesse segmento.

A capelinha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ver Figura 15, resiste até hoje como símbolo cultural e histórico da cidade, além de ter se tornado Patrimônio Histórico e Cultural do Estado da Paraíba. Em visitação, a capelinha   pouco frequentada pelos transeuntes locais, seja pela sua distância do centro ou pelo desinteresse nesse tipo de lazer, porém alguns entusiastas se aventuram, seja para fotografar ou apreciar a paisagem local.

25 Para Castro (2010, p. 109), “nas pequenas cidades, quase todos os moradores se conhecem. Por isso,   muito comum se observar as pequenas nuclea es de conversa nas praças e nos logradouros públicos. Nas grandes cidades, os encontros em praças públicas ou em shoppings podem ser considerados eventuais ou combinados, ao passo que, na pequena cidade, esses encontros são constantes em fun o da “circularidade repetitiva”: passa-se pela mesma praça, ou logradouro público, várias vezes durante a semana. Esse deslocamento do transeunte pela pequena cidade, que, pelas suas dimensões físicas, estimula a pedestrializa o(sic!), acontece em vias públicas entornadas por edifica es residenciais ou comerciais de pessoas conhecidas, por isso o passante gesticula, para conversa”.

Figura 15: Capelinha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Fonte: a) Jornal a cidade de Esperança no Instagram, 2020; b) <https://revivendoesperancapb.blogspot.com> (2016); c) <https://www.esperanca.pb.gov.br> (2020).

Entretanto, segundo Ferreira (2011a), existem outros patrimônios culturais, materiais e imateriais, da cidade que são bastante diversificados e que ainda são pouco explorados, como, por exemplo, um sistema ecológico ainda inexplorado com locais que poderiam oferecer atividades como trilhas ecológicas, há também uma feira que até hoje mantém uma estrutura não apenas econômica, mas também social, na qual diversos elementos da cultura local são preservados e replicados, além da própria capela (obelisco), marco da religiosidade.

Quando se trata de patrimônio cultural, as festividades de rua também merecem destaque, em especial o São João e o Carnaval, ver Figura 16, essas duas festas ocorrem anualmente com organização da prefeitura e com o patrocínio de empresários locais, elas movimentam bastante o comércio durante os períodos festivos, atraindo um fluxo de pessoas vindas de várias cidades da região, contudo, não são festividades tão grandes quando comparadas as de outras cidades, a exemplo o São João de Campina Grande, mas, para uma cidade pequena, são responsáveis por uma grande movimentação de capital durante o ano.

Figura 16: Algumas das festas públicas mais importantes de Esperança.



Fonte: <https://www.esperanca.pb.gov.br> (2020, com adaptações).

De acordo com Paiva (2015, p. 54), “[...] a tendência de produção de eventos festivos espetacularizados(sic!), também vem se caracterizando como uma tônica em muitos lugares do Brasil, incluindo-se os espaços citadinos de menor inferência [...]”. Para Castro (2010, p. 119), “[...] turistificação(sic!), mercantilização e espetacularização são três conceitos que interagem e se complementam na contemporaneidade”. Assim, agentes públicos e privados utilizam estes eventos para promoverem os atributos culturais de uma cidade, tornando-a, dessa forma, atrativa. Esses agentes se aproveitam de algum potencial turístico religioso-histórico-cultural que a cidade venha a oferecer e, através de publicidade, torna esse potencial em algo de fato material, um atrativo para a cidade, mesmo que apenas em datas específicas, nesse contexto tem-se de um lado uma população satisfeita e do outro têm-se investidores lucrando cada vez mais com tais eventos. Ainda segundo as ideias de Castro (2010):

Trata-se de três acepções analíticas que balizam a análise das novas (velhas) facetas do sistema capitalista, sobretudo em grandes cidades. O centro histórico de uma cidade, o Carnaval, uma determinada manifestação cultural podem ser espetacularizados(sic!) turisticamente em uma perspectiva mercadológica. No Brasil, nas últimas décadas, as festas viraram um bom negócio para comerciantes, cervejarias, donos de hotéis e políticos, que se projetam com a dimensão espetacular e massiva de grandes eventos festivos. (CASTRO, 2010, p. 119).

O município de Esperança possui diversos elementos que são marcas registradas e que por vezes possuem histórias que necessitam de maior preservação, porém ainda prevalece uma lógica mercadológica, na qual a cidade perde sua identidade histórica, seja pela substituição de edifícios históricos, como visto antes, ou pela desvalorização dos espaços culturais da cidade e valorização de outros aspectos. Esses impactos não afetam apenas os espaços locais, como também a comunidade e sua cultura, quando o cotidiano de uma pequena cidade é transformado, novas paisagens e novos valores são inseridos nessa sociedade.

As festividades locais ainda são as responsáveis pelo grande movimento de pessoas, nos já ditos feriados, o comércio e os empresários acabam sendo os principais beneficiários desses eventos, porém, as festas são meios de gerar turismo e, conseqüentemente, capital, não há uma real intenção de preservar as práticas sociais e culturais da sociedade daquele lugar, pelo contrário, as festividades cada vez mais deixam as tradições de lado para implementarem elementos modernos, nesses casos, as tradições não são adaptadas, mas sim substituídas. Por fim, a cultura “importada” se torna predominante sobre a cultura local, seja pelo modismo ou pela desvalorização da tradição local.

Outro elemento bastante comum nas cidades pequenas, principalmente as interioranas, é a presença de um modo de viver mais ligado a vida rural e, nesse contexto, as paisagens rurais ainda são bastante presentes no cotidiano dessas comunidades. São nesses espaços rurais que muitas vezes se encontram as paisagens naturais do município, locais com todas as características da fauna e flora locais, com atributos peculiares ao povo e ao seu espaço cultural. Em Esperança existem muitas dessas paisagens e suas histórias, muitas vezes, deslembradas pela comunidade local.

As paisagens naturais do município ainda são desconhecidas por muitos, inclusive pelos próprios habitantes. Há poucos incentivos ou investimentos para movimentar ou preservar esses lugares, também são poucos os estudos e pesquisas referentes a importância dessas paisagens na cidade de Esperança. Por exemplo, na localidade rural chamada Lagoa de Pedra há um *inselberg*, ver Figura 17, que dá nome ao local, além de um tanque²⁶ e um açude onde haviam fósseis pleistocênicos. Em um sítio chamado de Caldeirões²⁷, na zona rural,

²⁶ Na Paraíba, os tanques de pedra são reservatórios feitos com as rochas típicas da paisagem da região, que retêm a água da chuva e ajudam no abastecimento hídrico da cidade.

²⁷ Na Geomorfologia denomina-se caldeirões o processo erosivo formado a partir do turbilhonamento das águas após uma cachoeira ou corredeira. São perfurações que ocorrem pelo fato de que os seixos ali depositados agem junto com o turbilhonar das águas e desgastam a rocha com um movimento circular. Essas características deram nome ao Sítio dos Caldeirões na cidade de Esperança-PB.

existem gravuras sob a técnica meia-cana que se assemelham as da Itaquatiara da Pedra do Ingá-PB, além de uma cachoeira e um riacho afluente do Rio Mamanguape.

Figura 17: Fotos de um fóssil e paisagens naturais históricas encontrados em Esperança.



Fonte: Emerson Santos, 2015.

O Serrote dos Cocos, outro ponto rural, com 635 metros de altitude, é o lugar mais alto do município, possui mata nativa da região preservada abrigando diversos animais da fauna local, como mocós, cascáveis, tatus, preás, tejugaçuas, camaleões, inhambus, rolinhas, etc., muitos desses animais estão em extinção na região, seja pela caça predatória ou devido à destruição de seus *habitats* para o aumento das terras agricultáveis. Contraditoriamente o turismo, nesse caso, pode atrapalhar mais do que ajudar na preservação desses locais se não houver um planejamento para a preservação ambiental.

Nos sítios Pintados e Pedra Pintada, foram encontradas painéis de barro e grandes ossadas de animais pré-históricos e, como os próprios nomes sugerem, várias gravuras e pinturas rupestres. Contudo, não há valorização destas paisagens, seja por parte da administração ou da própria população, a cultura local é tratada de forma trivial, quando, na verdade, merecia muito mais importância para a história da sociedade local do município.

Segundo Ferreira (2011a), no centro da cidade foram encontradas evidências indígenas e pré-históricas, como o Tanque do Araçá, antiga morada dos Cariris da tribo Banabuyé e o Morro do Urubu, nas imediações do Britador e a Rua José de Andrade, onde em 1997 foram encontrados fósseis de uma Preguiça Gigante (*Eremotrerium Laurilardi*) e de um Mastodonte (*Haplomastodon Waringi*), dentre outros, nas fundações de construções dos grandes prédios comerciais que hoje predominam nos espaços centrais da cidade de Esperança. O artesanato

também é um patrimônio histórico da cidade, como o exemplo das bonecas de pano²⁸ de Riacho Fundo, ver Figura 18, a “boneca esperança”, que possui destaque internacional, mas que gradualmente, estão perdendo espaço para outras atividades mais modernas.

Figura 18: Bonecas produzidas na Casa da Boneca Esperança.



Fonte: <https://www.paraibacriativa.com.br> (2016, com adaptações).

Em contrapartida, as festividades locais, cada vez mais adeptas aos produtos e características modernas, são bem recebidas tanto pela população como pelos comerciantes, ou seja, nesse caso os grandes agentes sociais moldam a própria cultura da cidade de acordo com interesses econômicos e, no meio desses processos, há uma perda da identidade cultural da cidade. Por mais que uma festividade, como o São João, venha se perpetuando durante décadas como uma tradição, ainda sim se modificou bastante. Dessa forma, de acordo com as ideias de Soares (2007):

A cidade como palco da sociedade do espetáculo e como circunscrição da “indústria cultura” pós-moderna, é vendida de duas formas: como um pacote comercial maquiado de arte e cultura, e assegurado pelo discurso ideológico de planejamentos micro-isolados, que atendem a lucratividade e o bem-estar de pequenas parcelas privilegiadas da sociedade e, em fragmentos que são os locais e espaços subsidiados por grandes empresas, que ao incentivarem o acesso à cultura elas legitimam e fortalecem sua marca. Neste quadro temos a cidade como uma mercadoria que pode ser comercializada integralmente ou de forma parcelada (SOARES, 2007, p. 3).

²⁸ Segundo TAL, no site ASN - Agência Sebrae de Notícias (2003), a Casa da Boneca Esperança nasceu da iniciativa das irmãs Maria do Socorro da Conceição, e Aderita da Conceição. As bonecas denominadas de “bruxinhas” começaram a ser confeccionadas pelas duas irmãs na década de 1950 com palhas e retalhos e são produzidas até hoje, no ano de 2020, sendo a fonte de renda de várias mulheres donas de casa, que vendem suas bonecas, não só na Paraíba, como em outros estados e até mesmo em outros países.

Segundo Adorno (2009) apud Paiva (2015), “na indústria cultural tudo se torna negócio. Enquanto negócios, seus fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais”. Segundo Castro (2010, p. 110), “o desenho urbano e as práticas sociais na/da cidade são reflexos da dinâmica política e socioeconômica e também um produto que reproduz o contexto cultural no qual está inserido”. Já Manito apud Reinaldo (2011, p. 143) enfatiza que:

Além das festas, os festivais estão também cada vez mais presentes como objetivo na política global de uma coletividade. Os festivais são a principal ferramenta para vender uma cidade, mas o importante é que o festival se baseia num ponto forte da cidade em questão ou que gere uma nova singularidade. (REINALDO, 2011, p. 143)

É compreensível que, por ser uma cidade pequena, Esperança não apresente expressividade quanto a capacidade de gerar turismo, estando distante de se tornar um centro cultural para as cidades próximas, contudo também não existe o incentivo para a população, local ou de fora, a visitarem os poucos espaços culturais existentes. A modernização dos espaços, a própria globalização, gradualmente vão absorvendo e englobando essas pequenas características que ainda se mantêm na cidade, que cada vez mais passam a ser preservadas apenas nas memórias de alguns poucos habitantes.

É evidente que o turismo é uma fonte essencial na geração de fluxos para o centro de uma cidade, porém, as cidades pequenas, em especial Esperança, não possuem capacidade de suprir essa demanda por lazer e, por não encontrarem esse serviço, muitos indivíduos tendem a se deslocar para centros maiores, não só em busca de lazer, como também à procura de serviços mais especializados que as cidades pequenas não ofertam.

Por isso faz-se necessário compreender a rede urbana na qual a cidade de Esperança está inserida atualmente, sendo uma cidade pequena com mínima influência sobre as cidades próximas, atuando como cidade sede de uma região metropolitana e estando sobre a influência de um grande centro que é Campina Grande. É importante saber qual o papel de influência que Esperança desempenha e qual a sua importância para as demais cidades de sua malha urbana.

5 REGIÃO METROPOLITANA DE ESPERANÇA: A INFLUÊNCIA DE UM CENTRO LOCAL NA REDE URBANA.

Segundo Santos (2009), várias cidades conectadas são capazes de gerar uma rede urbana. Ademais, para Souza (2003), não há uma cidade que exista isoladamente sem trocar informações ou bens de consumo, o que corrobora para que em um país com todas as cidades estejam ligadas por uma mesma rede urbana.

Além disso, o fenômeno da globalização intensificou o processo de conexão entre os lugares, até os mais remotos do planeta, e não permite que, na prática, exista um território isolado de outros, mesmo que suas políticas internas assim “concordassem” seria, indiretamente, um local conectado. A rede urbana é um conjunto de cidades interligadas e, para que esse processo ocorra, é preciso que exista uma troca entre os centros urbanos e, a conexão só existe por consequência dessa permuta.

Corrêa (2006), diz que a rede urbana é entendida como um conjunto de centros articulados. Nos países desenvolvidos, as redes urbanas são muito densas e articuladas, diferentes das encontradas nas pequenas e médias cidades abordadas nesta pesquisa. O Brasil, por exemplo, por ser um país subdesenvolvido e com uma grande extensão territorial, é um caso à parte, pois a sua rede urbana, dependendo da região, que é muito dispersa e pouco densa, ao contrário de países mais industrializados e desenvolvidos.

No Brasil, há a presença de redes e estruturas urbanas de pequeno porte como também existem metrópoles densamente estruturadas. Ademais, há casos em que, apesar de pequena, a cidade apresenta um nível mínimo de polarização, apesar de sua pouca concentração demográfica e nível de articulação. Nesses casos, algum bem ou serviço extrapola o nível de influência, gerando fluxo, de pessoas e capital, para o seu centro.

Esperança é uma cidade pequena, assim como as muitas encontradas na rede urbana do Brasil, contudo, apesar dos vários elementos comuns às cidades pequenas, algumas características, observadas na sua dinâmica urbana, se tornam plausíveis para um estudo mais aprofundado. Essas características dizem respeito ao centro de Esperança que, apesar de pequeno, demonstra um nível mínimo de influência sobre as demais cidades que estão na sua proximidade geográfica.

Esperança também é a cidade-sede da RME, que foi criada através da lei complementar número 106 de oito de junho de 2012²⁹, com a autoria do Deputado Estadual

29 Ver: BRASIL. Lei complementar nº 106. Relator: Arnaldo Monteiro. Paraíba, 2012.

Arnaldo Monteiro. A RME, ver Figura 19, é composta pelos municípios paraibanos de Esperança (Cidade-sede), São Sebastião de Lagoa de Roça, Areial, Areia, Alagoa Nova, Pocinhos, Montadas, Algodão de Jandaíra e Remígio, no estado da Paraíba, cidades relativamente próximas, territorialmente, e com um nível mínimo de integração.

Figura 19: Região Metropolitana de Esperança.



Fonte: FNEM, 2018.

Em sua abordagem sobre a Região Metropolitana de Esperança, Bú (2014) afirma que o nível de integração dos municípios da RME é muito baixo, ficando evidenciado que não existe uma natureza metropolitana. Também de acordo com os dados do REGIC (IBGE, 2018), conclui-se que a cidade-sede (Esperança) desempenha, na hierarquia urbana, o papel de um centro local, estando muito distante de tornar-se uma possível metrópole com os níveis necessários de urbanização para assim ser conceituada.

Apesar de possuir um comércio dinâmico que se destaca na cidade e uma abundância de serviços que não existem nas demais por ele polarizada, Esperança não atende plenamente as demandas dos municípios vizinhos e não tem perfil metropolitano, pois depende de bens e serviços que só podem ser adquiridos em cidades maiores, especialmente demandas médicas especializadas, educação superior, lazer, ou mesmo serviços menos especializados.

É necessário destacar esse fato para que não haja um julgamento precipitado, já que a cidade é a sede de uma região metropolitana, porém atua, no mínimo, como um centro local, assim como propõe a classificação do REGIC (2018). Esperança é uma cidade pequena e,

apesar de sua importância para a rede urbana local, deve ser observada de tal forma, sendo que seu título de cidade-sede de uma região metropolitana serve apenas para os interesses políticos, sejam eles municipais ou estaduais, situação essa comum no estado da Paraíba, em que regiões metropolitanas são criadas sem a observação de critérios técnicos, não considerando outros fatores, já que, na prática, uma metrópole deve surgir dentro de uma rede urbana com adensamento de fixo e fluxos necessários ao exercício de uma efetiva centralidade. Como pode ser observado nas palavras de Freitas (2009):

O processo de metropolização ocorre a partir da polarização de uma região em torno de uma grande cidade em dimensões físicas e, sobretudo, populacional, caracterizando-se pela alta densidade demográfica e alta taxa de urbanização. Essa grande cidade, também chamada de metrópole, constitui um núcleo, ao redor do qual há várias outras cidades sob sua direta influência, mantendo forte relação de interdependência econômica e notório movimento pendular de sua população (FREITAS, p. 3, 2009).

A formalização de uma região metropolitana, nesses casos, não está associada aos fenômenos de metropolização, conurbação, dinâmica e difusão regional, mas sim por ser um instrumento definido por decisão institucional para orientações de políticas públicas. Com base no Quadro 1, é perceptível que todas as cidades componentes da RME possuem dados semelhantes, com exceção do número populacional, não havendo, estatisticamente, elementos que justifiquem a existência de uma metrópole. Contudo, observar esses dados isoladamente não justifica uma classificação correta acerca das urbes, uma vez que cada uma possui suas próprias características e alguns desses números são justificados por tais.

Quadro 1: Dados socioeconômicos e populacionais da RME.

Municípios	PIB <i>per capita</i> (2018)	Território (km²)	População Estimada (2020)
Alagoa Nova	14.002,94 R\$	122,255	20.921
Algodão de Jandaíra	10.345,52 R\$	220,248	2.577
Areia	10.249,84 R\$	266,596	22.656
Areial	7.535,95 R\$	35,641	7.027
Esperança	12.334,99 R\$	161,138	33.199
Montadas	8.383,09 R\$	31,691	5.738
Pocinhos	12.589,32 R\$	628,084	18.708
Remígio	8.680,42 R\$	180,897	19.798
São Sebastião de Lagoa de Roça	8.067,95 R\$	49,964	11.728

Fonte: IBGE, (2010; 2020 com adaptações).

Todas as cidades da RME, possuem baixos valores de PIB *per capita* e uma população pequena quando comparadas às cidades médias. Ao analisar os dados sobre as cidades que compõem a RME, também é possível perceber que, estatisticamente, não há diferenças tão perceptíveis entre os dados apresentados, em tamanho territorial e número populacional, todas as cidades da RME estão, numericamente, abaixo das estatísticas necessárias para que haja uma legitimação geográfica para serem classificadas no nível hierárquico metropolitano, evidenciando também que Esperança não teria destaque suficiente como uma cidade influente sobre as demais.

Quando observado a densidade demográfica desses municípios, evidencia-se que existe periurbano e não há um processo de conurbação. Quanto ao total de receitas, empenhadas e realizadas, ainda são muito inferiores aos de cidades como Campina Grande, por exemplo. O pesquisador deve abster-se, contudo, de usar somente as variáveis numéricas como método de classificação, pois essas variáveis precisam ser analisadas em um contexto para fazer sentido. Observando o Quadro 2 que contém dados mais específicos e, feita uma análise mais detalhada, é possível identificar características mais abrangentes, como, por exemplo, a densidade demográfica em contraponto ao tamanho territorial ou o total de receitas e despesas em contraponto com o Produto Interno Bruto (PIB) local.

Quadro 2: Densidade demográfica e dados econômicos das cidades da RME.

Município	Densidade demográfica [2010]	Total de receitas realizadas [2017]	Total de despesas empenhadas [2017]
Alagoa Nova	160,98 hab/km ²	41.348,00 R\$ (×1000)	40.185,00 R\$ (×1000)
Algodão de Jandaíra	10,74 hab/km ²	14.506,00 R\$ (×1000)	12.536,00 R\$ (×1000)
Areia	88,42 hab/km ²	37.908,00 R\$ (×1000)	33.486,00 R\$ (×1000)
Areial	195,22 hab/km ²	17.636,00 R\$ (×1000)	14.716,00 R\$ (×1000)
Esperança	189,86 hab/km ²	72.686,00 R\$ (×1000)	68.792,00 R\$ (×1000)
Montadas	157,97 hab/km ²	18.322,00 R\$ (×1000)	17.351,00 R\$ (×1000)
Pocinhos	27,12 hab/km ²	40.251,00 R\$ (×1000)	39.105,00 R\$ (×1000)
Remígio	98,77 hab/km ²	41.988,00 R\$ (×1000)	38.605,00 R\$ (×1000)
São Sebastião de Lagoa de Roça	221,16 hab/km ²	25.875,00 R\$ (×1000)	23.285,00 R\$ (×1000)

Fonte: IBGE, (2010; 2017, com adaptações).

São diferenças sutis que muitas vezes passam despercebidas, principalmente quando o observador não conhece o objeto de estudo em questão, mas, quando as variáveis são

sobrepostas a outros dados ou pesquisas, surgirão as respostas necessárias sem precisar ir por um caminho tendencioso. Por exemplo, Esperança, dentre as cidades apresentadas no quadro, possui características, econômicas, que lhe são peculiares, assim também como as demais cidades, cada qual com suas próprias características e diferenças e, independentemente de serem cidades pequenas, são importantes para sua rede urbana.

Fica evidenciado que, em termos numéricos, Esperança é uma cidade pequena e, em uma escala micro, ela desempenha um mínimo de influência sobre as demais cidades, isso quando comparadas apenas as pequenas urbes que compõem a RME. Esse pequeno centro possui um alcance mais significativo quando se trata da distribuição dos serviços e do comércio, é uma cidade que se destaca, mas não o suficiente para exercer influência satisfatória para gerar um fluxo constante, principalmente devido à sua proximidade com Campina Grande.

Essa pequena influência é visível no setor terciário de Esperança, mais precisamente, no setor de serviços prestados, que em determinado momento passou a suprir parcialmente as demandas do seu próprio mercado consumidor e a aumentar o seu território de influência. Esse processo ocorre tanto com a existência de estabelecimentos físicos como pelo comércio via *internet*, que, durante a realização desse trabalho, foi essencial no período de pandemia do (COVID-19)³⁰.

De acordo com a Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABCOMM), os consumidores compraram 30% a mais na *internet* em abril na comparação com março de 2020. Essa situação não diferiu em Esperança, pois com isso, serviços que antes não planejavam prestar suas atividades via *internet*, hoje o fazem e o número de entregas domiciliares cresceu significativamente. Entretanto, quando se trata de produtos adquiridos em outros estados, os Correios são, atualmente, os principais responsáveis pela entrega dos mais variados produtos que estão sendo adquiridos pelo *e-commerce*, tornando o frete o principal obstáculo para os consumidores de artigos vendidos pela *internet*.

Quando uma cidade ultrapassa o seu limite mínimo, influenciando além de seu próprio território, permite que a vinda de novos consumidores e investidores, junto a uma pequena centralidade exercida sobre locais próximos e distantes do centro. Contudo, Esperança é uma cidade pequena e está ligada diretamente ao núcleo urbano de Campina Grande, grande polo da região sendo também o centro urbano com maior influência no agreste paraibano.

³⁰ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

A cidade de Esperança se tornou centro de uma “metrópole” necessariamente devido a interesses políticos e essa “metrópole” apenas existe, essencialmente, por questões políticas/administrativas e, por fim, abdicar-se-á desses fatores para que seja investigada apenas sua importância, em um espaço micro, como centro local, além das características de sua área central e sua influência no território. Para isso é preciso compreender a classificação atual e, segundo o seu nível de influência, a cidade de Esperança é um centro local. Urbes que se enquadram nessa classificação hierárquica, segundo REGIC (2018), são definidas como:

[...] cidades que exercem influência restrita aos seus próprios limites territoriais, podendo atrair alguma população moradora de outras Cidades para temas específicos, mas não sendo destino principal de nenhuma outra Cidade. Simultaneamente, os Centros Locais apresentam fraca centralidade em suas atividades empresariais e de gestão pública, geralmente tendo outros centros urbanos de maior hierarquia como referência para atividades cotidianas de compras e serviços de sua população, bem como acesso a atividades do poder público e dinâmica empresarial. São a maioria das Cidades do País, totalizando 4 037 centros urbanos – o equivalente a 82,4% das unidades urbanas analisadas na presente pesquisa. A média populacional dos Centros Locais é de apenas 12,5 mil habitantes, com maiores médias na Região Norte (quase 20 mil habitantes) e menores na Região Sul (7,5 mil pessoas em 2018). Essa diferença regional das médias demográficas repete o padrão apresentado pelos Centros de Zona, inclusive tendo também a Região Nordeste com o maior número Cidades neste nível hierárquico. (REGIC, 2018, p. 13).

Segundo o IBGE, Esperança exerce influência direta apenas sobre seu próprio território e seu centro gera pouca influência para as cidades próximas. Essas afirmações fazem sentido quando analisados as suas características urbanas, já que é um centro com pouca influência administrativa e industrial/empresarial e, apesar do comércio/serviços gerarem picos de fluxos vindos de outras cidades, essas cidades não têm Esperança como destino fixo, não há um elemento (produto/serviço) que permita o centro da cidade gerar esse fluxo fixo de pessoas.

Além disso, Campina Grande, Capital Regional C, segundo o REGIC (2018), é um centro de maior hierarquia que está geograficamente próximo de Esperança, sendo referência para diversos serviços que geram esse fluxo fixo, como, por exemplo, o setor universitário, que atrai estudantes dos mais diversos centros urbanos da Paraíba. É preciso também compreender as diferenças entre um centro local e um centro de zona para inferir o porquê de Esperança ser um centro local e não um centro de zona. O REGIC (2018, p. 13), em relação aos centros de zonas, explica que:

As Cidades classificadas no quarto nível da hierarquia urbana caracterizam-se por menores níveis de atividades de gestão, polarizando um número inferior de Cidades

vizinhas em virtude da atração direta da população por comércio e serviços baseada nas relações de proximidade. São 398 Cidades com média populacional de 30 mil habitantes, subdivididas em dois conjuntos: a) Centro de Zona A [...] em termos de gestão do território, foram classificadas, em sua maioria, nos níveis 3 e 4; e b) Centro de Zona B [...], todas classificadas nos níveis 4 e 5 de gestão territorial. [...]. (REGIC, 2018, p. 13).

Percebe-se então que, segundo o IBGE, existe uma razão para Esperança permanecer como um centro local e não um centro de zona, a sua fraca centralidade em atividades empresariais e de gestão pública, que juntas formam os níveis de gestão territorial que definem as hierarquias e níveis de influência das cidades. Segundo o REGIC (2018) “A forma de se operacionalizar a Teoria dos Fluxos Centrais se dá pelo modelo das redes interligadas (TAYLOR, 2001, 2004; TAYLOR; HOYLER; VERBRUGGEN, 2010)”. De acordo com esse modelo utilizado pelo IBGE:

As redes urbanas são compostas por três níveis: o primeiro é o próprio conjunto da rede, que dá a totalidade das relações; o segundo são os nós que a compõem, as cidades; e o terceiro, os agentes que criam as redes de longa distância operando por meio dos nós, que são as empresas e organizações diversas. (REGIC, 2018, p. 71).

Esperança é uma cidade pequena e o comércio, os serviços, as pessoas, etc., tornam-se parte do espaço da cidade em uma montagem das antigas com as novas construções em um arcabouço da produção e reprodução do espaço, permitindo que uma pequena urbe como essa tenha um centro dinâmico, porém em gestão territorial, a cidade ainda possui pouca influência sobre as demais cidades da RME, na prática existe um fluxo de pessoas atraídas para o comércio ou atividades específicas.

Esperança está próxima de Campina Grande, o que a impede de se tornar o destino regular dessas pessoas. Por isso, de acordo com o REGIC (2018), Esperança não poderia atuar como um centro de zona, sendo necessário estudá-la como um centro local, pelo contrário, como afirma o próprio REGIC (2018), isso não impossibilita a existência de fluxos e de uma mínima influência sobre outras cidades, por isso se faz necessário compreender os seus aspectos intraurbanos e como sua centralidade atua sobre os outros centros urbanos.

Quando se observa o espaço intraurbano da cidade, nota-se que o fenômeno de expansão residencial ainda é horizontal, com poucas construções verticais e com um crescimento acelerado nas periferias. Por vezes, devido à mercadoria comercializada, o produto manufaturado e o perfil socioeconômico do indivíduo, acrescidos da valorização do espaço central, ocorrem uma procura por localizações mais distantes do centro.

Com isso, os agentes comerciais, aqueles segregados pela concorrência, são obrigados a se instalarem distantes do público, uma vez que estar próximo dos consumidores, principalmente nas ruas centrais de Esperança, é motivo de disputa pelo solo e conseqüente valorização do mesmo. Logo, não só os habitantes, mas também os investidores são reféns daqueles que detém o poder de compra e uso do espaço, elevando a concorrência pelo solo.

À vista disso, Santos (2005), afirma que a diversificação do consumo, o aumento dos níveis de renda e a propagação dos transportes modernos fazem com que as funções típicas³¹ de um centro regional passem a exigir maiores graus de concentração demográfica e de atividades. As cidades médias e grandes tendem a crescer e se consolidar no território, criando uma hierarquia quase incontestável sobre as demais.

Campina Grande e Esperança são classificadas como Centro Regional C e um Central Local, respectivamente, segundo o IBGE (2018), e exemplificam essa perspectiva. Portanto, pode-se afirmar que há pouca influência proporcionada por Esperança em sua rede urbana, pois uma cidade somente terá poder de influência quando demonstrar alta concentração demográfica e de atividades.

As pequenas urbes, maioria no Brasil, podem gerar ou sofrer interferência por estarem inseridas na rede urbana. Diante disso, independentemente da quantidade de atividades e pessoas, existirão conexões diretas ou indiretas com outros centros urbanos, não havendo impedimentos para que as pequenas urbes possam se destacar como um centro, mesmo sem precisar ser uma metrópole ou algo de mais alto nível hierárquico.

As áreas centrais das cidades abrangem uma desigualdade na distribuição dos fenômenos urbanos, com a existência de lugares que registram diferentes níveis de concentração de pessoas, equipamentos e atividades, ou distintos centros, como ocorre em Campina Grande.

Alguns desses centros em questão se caracterizam como principais e de suma importância para as transformações do espaço, enquanto outros passam por um processo de descentralização de serviços, antes exclusivos, e abrem espaço para outras cidades, inclusive as pequenas urbes, centralizarem, como no caso de Esperança.

Destarte, a acessibilidade é o fator que caracteriza e dá forma ao centro urbano, influenciando as atividades desenvolvidas, além de se caracterizar por ser acessível para os

³¹ Segundo Corrêa (2012, p. 209), “Um lugar central, por exemplo, tem um conjunto de funções que o qualificam como centro local, regional ou metropolitano que, em cada nível, associa-se a uma específica hinterlândia, caracterizada, cada uma, por um dado número de habitantes e uma dada dimensão em área”.

moradores ou visitantes. Ademais, o centro se define como a memória da cidade, o ponto mais importante, o “coração” que impulsiona as dinâmicas urbanas.

Entretanto, segundo Sposito (1991), o centro não precisa estar no ponto central geográfico e nem sempre ocupa o ponto histórico no qual a cidade se originou. Na verdade, é o elo do sistema de circulação, assim como o lugar para o qual todos se deslocam.

Destacando-se do resto da cidade, segundo Salgueiro (1992), a área central se individualiza pelo agrupamento de atividades terciárias, redução do número de casas, desempenho comercial, negociações e pelo importante volume de empregos que fornece. Sem um centro definido, uma cidade foge dos padrões urbanos.

O *Central Business District* (CBD), é o local em que se reúnem as atividades e serviços que tendem a satisfazer as exigências de consumo da população em geral. Nesse meio, existe a concorrência, que é essencial no panorama capitalista e o solo atinge os mais altos preços, impedindo a atração residencial e abrindo espaço para o comércio e serviços. O meio em questão é alvo de interesses das classes média e alta, além dos pequenos e grandes investidores, sejam locais ou não.

A partir disso, conclui-se que nas diferentes áreas centrais de uma cidade, há uma consolidação do espaço em um centro no qual todos os fluxos de pessoas, automóveis, capitais, decisões e, essencialmente, mercadorias se cruzam. Mesmo com divergentes centralidades, haverá uma que se destacará das demais.

A intensidade desses fluxos, acompanhada de acessibilidade, gera uma proximidade de vários setores, movimentando uma abundância de serviços e atividades distintas e proporcionando mais lucro para os agentes sociais envolvidos. Desse modo, Barreto (2010), afirma que a concentração de atividades, pessoas e serviços, conseqüentemente, modela o espaço urbano da área central de uma cidade.

Não obstante, para Moura e Werneck (2001), independente do fluxo existente, seja de mercadorias, pessoas ou informações, o centro caracteriza-se pela existência de redes. Esperança é uma cidade, e como todas as outras, faz parte da rede urbana e possui centralidade, o que se conclui, no entanto, é que não há fluxo de pessoas considerável e nem um produto/serviço específico que favoreça o surgimento desse fluxo, na verdade, a cidade se destaca em determinados setores de sua economia, prevalecendo um fluxo inconstante de pessoas que querem consumir produtos ou serviços menos especializados.

6 ESPERANÇA – LÍRIO VERDE DA BORBOREMA: COMPREENDENDO O PERFIL GEOGRÁFICO DO NÚCLEO URBANO DESSA PEQUENA CIDADE.

6.1 Compreendendo os termos “centralidade” e “hierarquia urbana”.

A recente intensificação e a reestruturação na produção espacial urbana geraram novas demandas e novos centros passaram a se destacar nas consideradas cidades locais. Houve algumas modificações notáveis na reorganização socioespacial brasileira, o que fez surgir novos papéis centrais em diferentes cidades.

O termo cidade local, comumente utilizado para definir cidades pequenas, pode ser entendido a partir de uma ótica “[...] da qual as aglomerações de população deixam de servir às necessidades da atividade primária, para servir às necessidades inadiáveis da população com verdadeiras especializações do espaço”. (SANTOS, 1982, p. 71). A partir disso, faz-se necessário a existência de uma mínima “[...] complexidade das atividades urbanas capazes de [...] garantir ao mesmo tempo um crescimento autossustentado e um domínio territorial”. (SANTOS, 1982, p. 70).

As cidades locais correspondem, com essas características, aos vários centros urbanos espalhados por todo o país, que em uma dimensão mínima exercem influência sobre a área de seu município e que, no mínimo, são capazes de suprir a demanda de sua população local.

Os termos pequeno e local são muitas vezes utilizados com o mesmo significado para adjetivar uma cidade, contudo, possuem sentidos distintos, apesar das várias semelhanças. Fresca (2001) aponta que, mesmo com a existência de um nível mínimo de atividades, é imprescindível destacar a complexidade das redes urbanas, mesmo nas menores escalas.

Existem inúmeras cidades em que a complexidade das atividades e serviços extrapola esse limite mínimo ou local, mas isso não gera elementos necessários para que possam ser consideradas em outro nível hierárquico, por exemplo, é perceptível que as cidades de Esperança, Campina Grande e João Pessoa, possuem três níveis hierárquicos distintos, Esperança não pode ser comparada, ao nível hierárquico, das outras duas urbes. Ou seja, mesmo tendo determinado nível de atividades urbanas, acima do mínimo proposto por Santos (1982), as cidades continuam sendo pequenas, razão para o uso da expressão “pequena cidade”.

Para classificar uma cidade, precisa-se do “[...] entendimento do contexto socioeconômico de sua inserção como eixo norteador de sua caracterização como forma de

evitar equívocos, e igualar cidades com populações similares, que em essência são distintas”. (FRESCA, 2001, p. 28).

Partindo desse pressuposto, nota-se que, para considerar ou classificar uma cidade como Esperança, é necessário, primeiramente, compreender sua inserção e interação na rede urbana ou região a que pertence. Neste caso, o local de influência de Campina Grande. Observando as ideias de Santos (1988), no contexto atual em que se encontra a rede urbana brasileira, as cidades pequenas estão em contraste com as metrópoles.

Um bom exemplo diz respeito a duas cidades: Esperança e Recife, distintas em território, população e hierarquia. Essas duas categorias de cidade são lugares que apresentam singularidades e, em simultâneo, diferentes características e fenômenos, mas cada lugar desenvolve variáveis que podem ser comuns a vários lugares, assim como os fenômenos urbanos são capazes de existir e coexistir em diversas escalas e nas diferentes cidades.

Assim, a centralização, fenômeno urbano, tanto pode ocorrer em Recife quanto em Esperança, mesmo que em níveis diferentes. Embora contraditório a princípio, esse fato é notório na organização espacial. Uma cidade pequena na rede urbana de Campina Grande pode apresentar-se de maneira distinta se a compararmos com uma cidade em outra região, ou podem existir variáveis similares apesar das diferenças contextuais.

Em tese, a inserção nas redes ou regiões permite uma classificação mais acertável de uma cidade, diferente das variáveis numéricas, como o total da população ou tamanho do território, que geram um resultado vicioso. É evidente que essas características definem, em parte, as cidades grandes, que são distinguíveis mesmo para um mero observador.

Desfazendo-se dessas categorias populacionais e da generalização das pequenas cidades, pode-se enxergar novas vertentes e caminhos para a compreensão das mesmas, que não se limitam a fornecer bens e serviços básicos a uma limitada área de influência urbana. As pequenas cidades ultrapassam a quantidade de 5.000, segundo dados do IBGE (2019).

Logo, na rede urbana brasileira, os pequenos centros urbanos foram, e continuam sendo, o principal veículo para o atendimento de dada parcela da população quando se tratam de bens e serviços menos específicos, categoricamente mais abrangentes atualmente, devido às várias demandas do sistema capitalista e do grande consumo nos pequenos e grandes centros urbanos.

A centralidade, fenômeno singular e vital para uma cidade, pode ser analisada considerando a sua relação com outras cidades e centros que estão em um mesmo contexto regional. Nesse sentido, não se deve apenas analisar o centro administrativo ou comercial da cidade, mas os centros na totalidade.

A centralidade está ligada diretamente ao conceito de cidade e ao contexto urbano. Silva (2010), resume, baseado nas ideias de *Christaller (1966)*³², que a característica principal de uma cidade é a de ser um centro, podendo assumir diversas dimensões nos grandes, médios e pequenos lugares centrais. O autor Villaça (2007), alega que a origem dessas centralidades está na possibilidade de diminuir o tempo gasto, os desgastes e custos associados aos deslocamentos espaciais dos consumidores.

A necessidade de uma pessoa, que mora em uma cidade pequena, de obter algo que não lhe é ofertada, a obriga a se deslocar para um centro maior que oferte esse serviço, com gastos em tempo e custos econômicos, os moradores de Esperança buscam em Campina Grande os serviços médicos, de educação, de lazer e, principalmente, de disponibilidade de produtos a serem comprados.

Contudo, serviços que há décadas só eram encontrados em cidades maiores ou nas capitais, atualmente são achados, com diversidade e intensidade menor, em urbes menores, gerando possibilidades para as pessoas minimizarem esses gastos. Ou seja, Esperança oferta hoje praticamente todo o essencial para sua população, contudo, em menor escala.

Essas características que compõem a centralidade, ligadas ao setor econômico de bens e serviços, não estão presentes de maneira homogênea em todos os espaços. Isso contribui para o surgimento de outras centralidades, ou seja, ocorre uma “descentralização” e a possibilidade de vários polos centrais, existindo, deste modo, a concorrência e a hierarquização.

A respeito da centralidade exercida pelas cidades, Burns³³ (1997), citado por Silva (2010), diz não ser possível que, em um único centro, haja uma prestação universal de serviços e atividades, e que sejam ofertados em uma única localidade central de forma totalitária, por mais desenvolvida que seja.

Por isso, surge a estrutura da hierarquia, em que os bens e serviços com funções e alcances diferenciados são oferecidos em centros de níveis hierárquicos diversificados, pequenos, médios ou grandes. Souza traz as ideias de Christaller para o debate sobre a centralidade urbana quando transcreve que:

Toda cidade é, do ponto de vista geoeconômico, isto é, das atividades econômicas, vistas a partir de uma perspectiva espacial, uma localidade central, de nível maior ou menor de acordo com a sua centralidade – ou seja, de acordo com a quantidade de bens e serviços que ela oferta, e que fazem com que ela atraia compradores apenas

³² Ver: CHRISTALLER, W. *Central places in Southern Germany*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966.

³³ Ver: BURNS, E. K. *Nested hexagons: central place theory*. In: HANSON, S. *10 geographic ideas that changed the world*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997.

das redondezas, de uma região inteira ou, mesmo, de acordo com o nível de sofisticação do bem ou serviço, do país inteiro e até de outros países. (CHRISTALLER apud SOUZA, 2003, p. 25).

Souza (2003), com base na teoria das localidades centrais elaborada por Christaller, aponta que, para que as condições de oferta de bens e serviços tenham influência diretamente na atração de pessoas para o consumo, esse alcance depende da quantidade e do nível de sofisticação deste bem ou serviço, que pode ser de natureza variada.

Existe uma forte relação entre a centralização e a demanda de bens e serviços que o lugar pode oferecer. O raio de influência desses sistemas de conveniências tem escalas e intensidades variadas, permitindo afirmar que não apenas as grandes cidades são capazes de se tornar um centro influente.

As cidades em níveis hierárquicos menores podem desempenhar o papel de lugar central em pontos e áreas mais limitadas e com bens ou serviços menos sofisticados. Por isso, conclui-se que os grandes centros urbanos, outrora os principais núcleos polarizadores da rede urbana, se fragmentam.

A centralidade, que ocorre a partir de um fixo do território, gera um emaranhado de fluxos complexos. Essa densidade de fixos e fluxos faz com que não seja possível mover o centro de uma cidade, ponto central geográfico ou não, para outro lugar, mas é provável que outro local passe a desempenhar um papel de centralidade, processo chamado de concentração ou centralização. Então, os dois podem coexistir em um nível hierárquico, contudo, um deles pode diminuir ou perder a sua centralidade, fenômeno denominado de descentralização, que vem a ocorrer, principalmente, em cidades grandes.

Ramos (1998) afirma apoiada nas ideias de Claval³⁴ (1968) que, ao longo dos séculos XIX e XX, os estudos sobre a questão da interação dos centros urbanos, mostram que as cidades inseridas em determinada região se organizam em resposta a uma realidade econômica. Isso ocorre por intermédio dos fluxos existentes entre os núcleos dessas regiões.

Esse processo econômico e social, segundo Ramos (1998), é expresso de forma concreta no espaço urbano. A autora conclui que essa expressividade ganhou maior notoriedade a partir da conhecida *Teoria dos Lugares Centrais*³⁵ de Walter Christaller. Em contrapartida, para o autor Ablas (1982), existem vários problemas nesse processo, e que, na prática:

³⁴ Ver: CLAVAL, P. La Teoria de los Lugares Centrales. In: _____ Textos Básicos 1: Centralidade-Regionalização. Rio de Janeiro: IPGH/Comissão de Geografia, 1968. p. 19-37.

³⁵ Ver: CHRISTALLER, W. Central places in Southern Germany. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966.

[...] não são levadas em conta as economias de aglomeração e os movimentos populacionais na determinação das áreas de mercado para os bens. Tais variáveis são importantes no estabelecimento da configuração final do sistema de cidades. Quanto maior forem as economias de aglomeração e o movimento populacional, maior será a concentração espacial da população. [...] O problema que resta é saber, uma vez admitidas as economias de aglomeração e os movimentos populacionais, se seria possível imaginar um sistema de Lugares Centrais no qual as relações de tamanhos dos centros pouco tivessem a ver com as formulações iniciais de Christaller. (ABLAS, 1982, p. 190).

Ainda de acordo com Ablas (1982), para Christaller a centralidade define-se como uma condição que algumas cidades possuem ao criarem relações de complementação de atividades com outras urbes a sua volta. Essa relação é biunívoca, ou seja, não existe a cidade centro de uma região sem as cidades em seu entorno. Christaller também aborda em seus estudos que, quanto mais superior à centralidade de um lugar, maior será a sua região complementar.

Assim, por mais que uma centralidade não se refira diretamente a uma posição geográfica, a existência de um lugar central caracteriza-se pelas funções que a cidade exerce através de atividades que necessitam de uma localização no território. Santos (2004) e Santos (2003), propõem uma alternativa à teoria do lugar central e à divisão da economia nos três setores, primário, secundário e terciário, sugerindo uma separação em dois circuitos: o superior e o inferior, que se diferenciam pela tecnologia e a organização. O circuito superior é percebido pelo uso intensivo de tecnologia importada e com potencial criativo. O circuito inferior caracteriza-se por processos de produções imitativas, uso intensivo de trabalho e é localmente adaptado ou recriado.

6.2 Análise dos aspectos econômicos da agropecuária de Esperança.

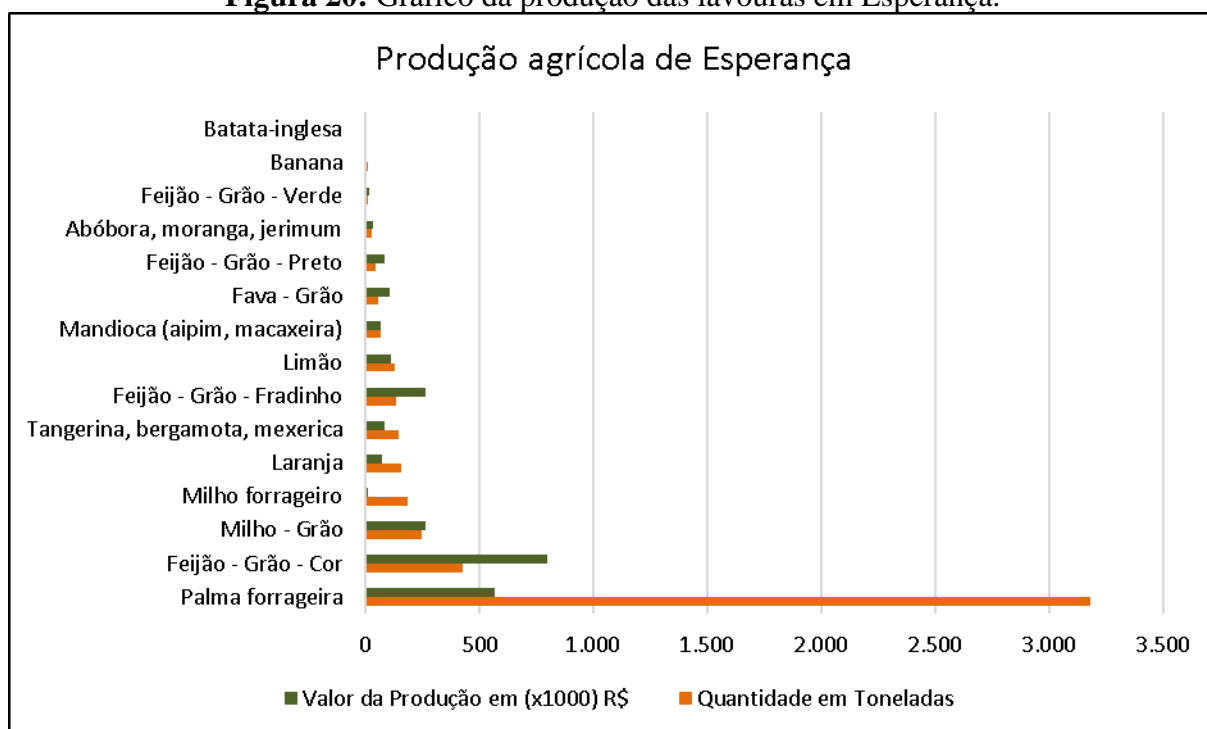
A economia local de Esperança deixou de ser majoritariamente agrária, evoluindo do ciclo da batata-inglesa, citado no início desta pesquisa, para o auge comercial e de prestação de serviços. Ainda existem atividades nas áreas rurais, voltados principalmente para a agropecuária de subsistência e, mesmo em dias atuais, o município se destaca, no estado da Paraíba, com seus produtos agrícolas, aqueles que ainda permanecem nesse ramo adaptaram seus plantios aos períodos de estiagem, às pragas e a concorrência.

Segundo Ferreira (2011a), baseado nos dados da EMATER-PB - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba, a zona rural do município é formada por 76,07% das propriedades com até cinco hectares, a maior parte já eram eletrificados em 1996. Segundo dados do censo agropecuário do IBGE (2017), no município de Esperança a área dos

estabelecimentos agropecuários possui um total de 10.217 hectares, desses 7.189 hectares são de produtores individuais. Um total de 2.992 hectares são de lavouras permanentes e/ou temporárias; 4.095 hectares são para pastagens naturais; 763 hectares são de matas naturais destinadas à preservação permanente ou reserva legal.

De acordo com dados do IBGE, no ano de 2017, alguns produtos cultivados como lavoura permanente e temporária³⁶ tiveram margem de produção consideravelmente alta, como é possível observar na Figura 20. A agricultura ainda é um grande pilar para o crescimento econômico do município de Esperança, por mais que atualmente a cidade tenha boa parcela do PIB oriunda de atividades de prestação de serviços e do próprio comércio.

Figura 20: Gráfico da produção das lavouras em Esperança.



Fonte: IBGE, (2017, com adaptações).

Nos municípios paraibanos de Matinhas, Alagoa Nova, Esperança, São Sebastião de Lagoa de Roça e Remígio existe uma grande produção de cítricos, principalmente a laranja, que chegam às mesas de consumidores de todo o território nacional, como observado anteriormente, o limão, a tangerina e a laranja são os frutos de lavoura permanente com as

³⁶ As lavouras permanentes são aquelas plantações que não possuem rotatividade anual, que geralmente são culturas de plantas perenes e frutíferas com um ciclo de produção anual, formadas pelos cultivos de longa duração, que produzem durante vários anos consecutivos. As lavouras temporárias são aquelas cujo plantio é anual, mas que são formadas pelos cultivos de curta duração, havendo uma rotatividade anual e fornecendo apenas uma safra para colheita, geralmente são plantas não perenes e leguminosas cultivadas em períodos de chuva.

maiores participações na economia agrícola no município de Esperança e também no estado da Paraíba.

Contraditoriamente, observando a Figura 20, nota-se que a produção de batata-inglesa, é hoje uma das menores do município, um produto que no comércio local atingiu a marca de 1.500 toneladas vendidas, na década de 1940, segundo dados de Ferreira (2015b), hoje não chega à marca de três toneladas produzidas em campo. Em contrapartida, Esperança é a maior produtora de feijão-grão-cor no estado da Paraíba, sendo a produção com o melhor valor comercial, a palma forrageira tem altas taxas de produção, porém, possui baixo valor no comércio.

Essa queda na produção de batata-inglesa se deve aos grandes períodos de seca e estiagem na região nas últimas décadas, além das pragas e da alta concorrência, que desgastaram a produção de algumas leguminosas, principalmente de lavouras temporárias ou anuais, abrindo espaço para o plantio de produtos mais adaptáveis aos períodos de estiagem, como o feijão, os frutos cítricos e principalmente a palma forrageira, planta adaptável às estações de seca e com um alto índice de produção anual.

Na pecuária, também de acordo com o IBGE (2017), há em Esperança a criação de bovinos com um rebanho efetivo de 5.601 cabeças e uma produção de 582,959 (x1000) litros de leite no ano, e para os galináceos, com um rebanho efetivo de 115.056 (x1000) cabeças e uma produção de 1.773,752 (x1000) dúzias de ovos.

Apesar de a agropecuária ainda ser um elemento muito característico do município de Esperança, assim como de grande parte das cidades pequenas da RME, é notável que atualmente os valores brutos do PIB local demonstram que o setor de serviços é economicamente o mais forte. É perceptível que a cidade hoje não produz tanto quanto já produziu em épocas anteriores, como a batata-inglesa, o agave e o algodão. Contudo, o feijão é uma das monoculturas que mais se destacam nos mais diversos minifúndios da região, sendo um produto bem valorizado nas mais diversas culturas de plantio, já os produtos de lavoura permanente como os cítricos também ganharam destaque nos plantios anuais.

6.3 Análise dos empreendimentos econômicos de Esperança.

Esperança é uma cidade com um grande desenvolvimento no setor terciário, com destaque para as áreas de prestação de serviços e o setor comercial e ainda é uma grande “importadora” de bens para comercialização. Nas últimas décadas a economia de Esperança

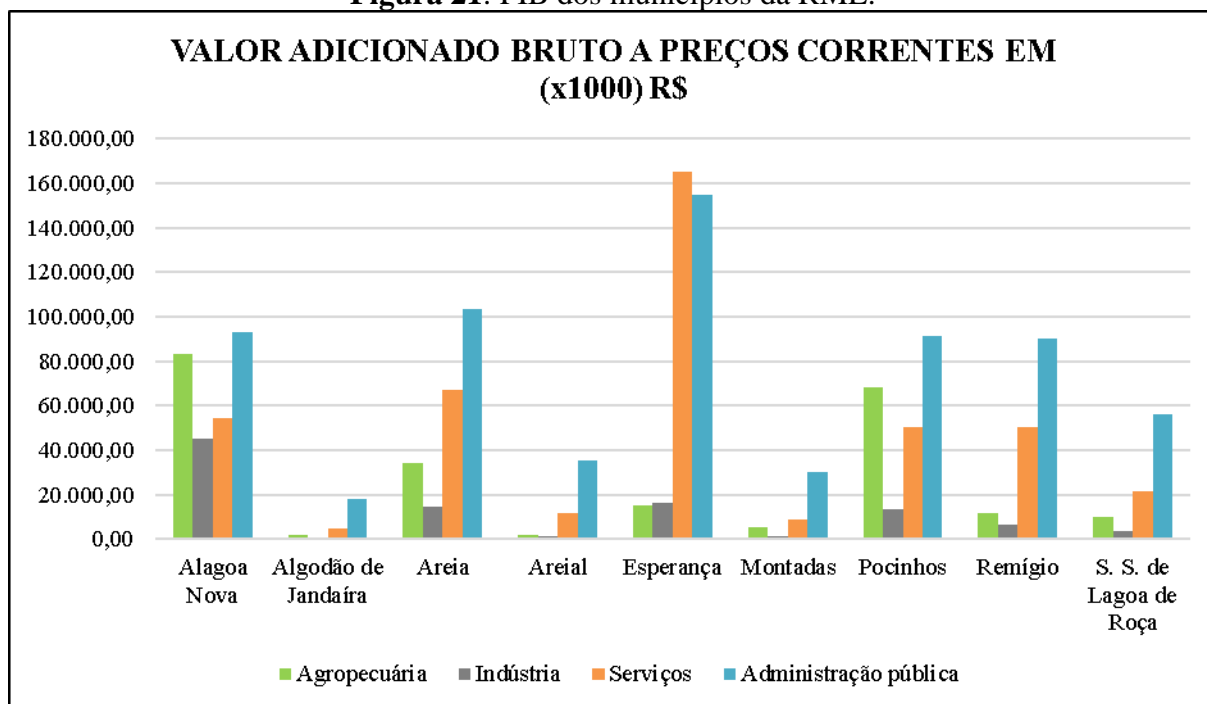
voltou-se para a área comercial e de prestação de serviços, o valor bruto a preços correntes do PIB possui destaque nas áreas de serviços prestados, incluindo o comércio local e trabalhos administrativos, que se somados resultam em mais da metade do PIB bruto, demonstrando que tecnicamente a cidade de Esperança possui sua economia volvida para estas áreas.

Também vale destacar os dados do PIB, como pode ser observado no Quadro 3, nas áreas da agropecuária e indústria que, estatisticamente, correm no mesmo valor, ficando evidente que a agropecuária ainda é muito importante para o desenvolvimento econômico local e que o setor industrial ainda é muito precoce na cidade, porém é normal uma cidade pequena apresentar pouco desenvolvimento industrial, geralmente essa categoria de cidade abrange apenas serviços primários e terciários. Esperança também se destaca entre as cidades da RME quando se trata do PIB oriundo do comércio e administração pública, ver Figura 21.

Quadro 3: PIB do município de Esperança.

Categoria	Dados
Valor adicionado bruto a preços correntes	351.504,18 (×1000) R\$
Agropecuária	14.954,76 (×1000) R\$
Indústria	16.342,04 (×1000) R\$
Serviços - exclusive administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	165.211,46 (×1000) R\$
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social.	154.995,92 (×1000) R\$

Fonte: IBGE, (2018, com adaptações).

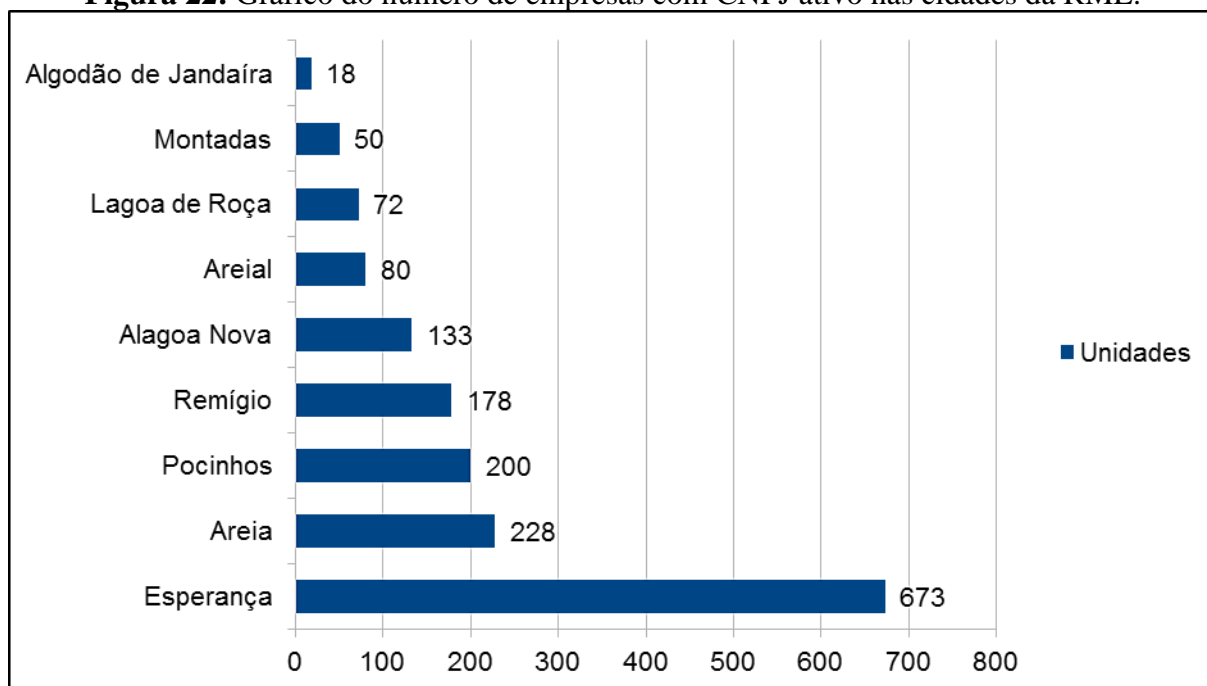
Figura 21: PIB dos municípios da RME.

Fonte: IBGE, (2018, com adaptações).

No centro urbano de Esperança, as ruas mais centralizadas e que estão interligadas a BR 104 se destacam por um grande número de casas comerciais e oferta de serviços, o centro é caracterizado pela diminuição do número de residências e o aumento da quantidade de estabelecimentos comerciais ou de prestação de serviços.

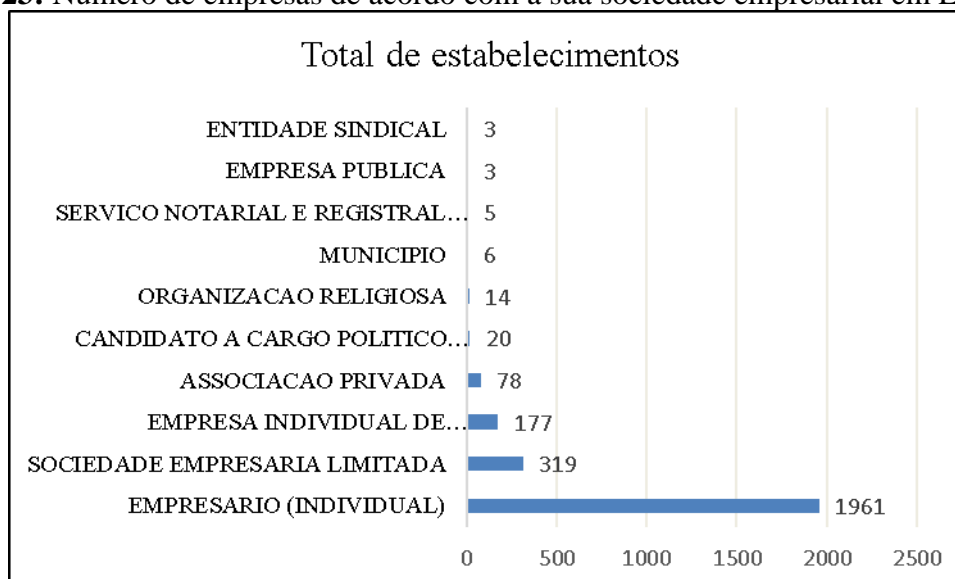
Esperança ocupa a 13ª posição na classificação estadual de empresas com CNPJ ativo. Cabe ressaltar que esses são números oficiais, mas que não condizem com a realidade urbana, pois em termos numéricos existem muito mais empresas e pequenos negócios que atuam de maneira informal, o que ficou evidenciado na crise do COVID-19 em 2020, pois a maioria dos microempreendedores são trabalhadores informais, sendo então esse número muito maior do que o estipulado pelos dados do IBGE.

Alguns dados mais recentes do Cadastro Central de Empresas do IBGE (2018) apontam que existem 673 empresas com CNPJ ativo na cidade, que, em sua maioria, se localizam no centro. Esse número também se destaca por ser o maior dentre os municípios da Região Metropolitana de Esperança (RME), como é observado na Figura 22.

Figura 22: Gráfico do número de empresas com CNPJ ativo nas cidades da RME.

Fonte: IBGE, (2018, com adaptações).

O número de empresas ativas reflete diretamente no nível de confiabilidade para os investimentos no setor terciário da cidade, já que essas empresas são, em sua maioria, do setor comercial e de serviços e, como é possível observando a Figura 23, a maior parte dessas empresas são de empresários individuais, demonstrando que os pequenos empreendedores ainda são maioria. Ao observar a quantidade de empresas instaladas em Esperança, fica evidente sua pequena influência econômica sobre as demais cidades componentes da RME.

Figura 23: Número de empresas de acordo com a sua sociedade empresarial em Esperança.

Fonte: <http://cnpj.info/> e <https://econodata.com.br> (2020, com adaptações).

Esperança é caracterizada por um comércio dinâmico, singular e rentável para os investimentos de grandes, médios e pequenos empresários. Isso gera a diversificação de bens e serviços prestados, atrativos para indivíduos que buscam por essa diversidade, seja pela proximidade geográfica, pelo corte de custos e tempo gastos ou por opção própria, isso gera um fluxo populacional e de capital para a cidade, atraindo cada vez mais investidores, ciclo que transforma e dinamiza o centro.

É perceptível que Campina Grande oferta uma diversidade maior de bens e serviços, mas no caso de Esperança, as cidades próximas têm uma acessibilidade maior e preços mais convidativos, além de que, estão historicamente e culturalmente mais relacionadas. Em outras palavras Djalo e Procopiuck dizem que:

Da interação entre cidade e atividade comercial, o comércio se vê favorecido na medida em que a cidade é mais atrativa, tanto para os residentes quanto aos visitantes, investidores ou consumidores; e, em contrapartida, o comércio, com sua dinâmica e capacidade atrativa, traz vida que beneficia a própria cidade. Assim, um centro comercial local vivo agrega, além da função econômica, também a função de centro cultural e social da comunidade; logo, configura-se em elemento de relevância para coesão social, formação de identidade local e de difusão cultural. (DJALO; PROCOPIUCK, p. 5, 2008).

Esperança não é uma cidade industrial, como visto antes ao analisar o PIB local, contudo as empresas, geralmente comércios atacadistas, varejistas ou distribuidoras, merecem destaque, um exemplo é a Almeida Distribuidor de Materiais de Construção, que tem sua sede na saída para Campina Grande, frente a BR 104 na cidade de Esperança.

Ao analisar o Quadro 4, é possível observar dez das maiores empresas. Nessa tabela, a Almeida Distribuidor é a empresa com maior destaque, sendo a maior empresa de grande porte com matriz na própria cidade, além de mais de nove filiais, tanto no estado da Paraíba como em outros estados. Cabe destacar que o sócio majoritário da Almeida Distribuidor também é sócio de outras três empresas de médio e grande porte citados nesta classificação, são elas: Almeida *Holding* LTDA; Almeida construções e empreendimentos; Dantas importadora e distribuidora LTDA.

Quadro 4: Principais empresas locais com matriz em Esperança de acordo com seu capital social³⁷ (até R\$ 500.000).

Nome da empresa	Capital social	Porte	Atividades Principais
ALMEIDA DISTRIBUIDOR DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	R\$ 10.000.000,00	DEMAIS ³⁸	Comércio atacadista de materiais de construção em geral
ALMEIDA HOLDING LTDA	R\$ 6.220.000,00	DEMAIS	<i>Holdings</i> de instituições não financeiras
CASA ALVES MERCADINHO EIRELI	R\$ 3.000.000,00	MICRO	Comércio varejista de mercadorias em geral
MATIAS GRANJEIRO CIA LTDA	R\$ 2.249.000,00	DEMAIS	Comércio varejista de móveis
RM ATACADISTA E DISTRIBUIDORA DE ALIMENTOS LTDA	R\$ 1.200.000,00	DEMAIS	Comércio atacadista de produtos alimentícios em geral
LOTEAMENTO JARDIM BELA VISTA EIRELI	R\$ 900.000,00	DEMAIS	Compra e venda de imóveis próprios
ALMEIDA CONSTRUÇÕES E EMPREENDEIMENTOS IMOBILIARIOS LTDA	R\$ 500.000,00	DEMAIS	Construção de edifícios
CBC CONSTRUÇOES LTDA	R\$ 500.000,00	DEMAIS	Construção de edifícios
COSTA DISTRIBUIDOR DE MATERIAIS DE CONSTRUCAO E ELETRICOS LTDA	R\$ 500.000,00	DEMAIS	Comércio atacadista de materiais de construção em geral
DANTAS IMPORTADORA E DISTRIBUIDORA LTDA	R\$ 500.000,00	DEMAIS	Comércio atacadista de materiais de construção em geral
PIRES COMERCIO DE ARTIGOS DE CAÇA E PESCA EIRELI	R\$ 500.000,00	MICRO	Comércio varejista de artigos de caça, pesca e camping

Fonte: <http://cnpj.info/> e <https://econodata.com.br/> (2020, com adaptações).

As empresas citadas neste Quadro são aquelas com CNPJ ativo entre as cinquenta maiores empresas da cidade e com os maiores capitais sociais, todas possuem alto faturamento e, com exceção de algumas, são consideradas empresas de grande ou médio porte, aqui foi dado destaque às empresas que iniciaram sua matriz em Esperança, deixando de lado companhias filiais com matriz em outra cidade.

³⁷ O capital social é o poder financeiro de uma empresa, o montante investido pelos sócios quando o negócio ainda estava no início de suas atividades.

³⁸ A nomenclatura DEMAIS significa que a empresa possui faturamento superior à expectativa de Receita Bruta Anual. Ou seja, ela faturou acima de uma EPP (Empresa de Pequeno Porte), as empresas com essa nomenclatura podem ser denominadas Empresas de Médio ou Grande Porte.

Ao analisar os dados da lista com as cinquenta maiores empresas da cidade, é possível notar que a maioria é atuante no ramo de materiais de construção, sejam distribuidoras, varejistas ou construtoras. Em sequência há um grande número de empresas varejistas e atacadistas de produtos em geral: alimentícios, móveis, combustíveis, eletrodomésticos, etc.; por fim, se destaca o comércio em geral com 1.249 empresas registradas³⁹, ver Quadro 5.

Quadro 5: Quantidade de empresas de Esperança por Setor CNAE.

Setor	Quantidade de Empresas
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	11
Indústrias extrativas	3
Indústrias de transformação	172
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	3
Construção	73
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	1249
Transporte, armazenagem e correio	51
Alojamento e alimentação	105
Informação e comunicação	22
Atividades imobiliárias	8
Atividades profissionais, científicas e técnicas	47
Atividades administrativas e serviços complementares	63
Administração pública, defesa e seguridade social	12
Educação	52
Saúde humana e serviços sociais	37
Artes, cultura, esporte e recreação	23
Outras atividades de serviços	229

Fonte: <http://cnpj.info/> e <https://econodata.com.br> (2020, com adaptações).

O destaque entre os estabelecimentos presentes em Esperança está no grande número de empresas pertencente ao sócio da Almeida Distribuidor, Nilberto Pedro de Almeida, que muito investe no município de Esperança. Ele participa como sócio majoritário em um total de 29 empresas, entre matrizes e filiais, sendo 12 no estado da Paraíba e o restante em outros estados⁴⁰, cabe destacar que ele também possui parentesco com o atual prefeito do município (2020): Nóbson Pedro de Almeida.

³⁹ Ver: <https://www.econodata.com.br/lista-empresas/PARAIBA/ESPERANCA>

⁴⁰ Ver: <https://www.consultasocio.com/q/sa/nilberto-pedro-de-almeida>

A Almeida Distribuidor, ver Figura 24, é uma das maiores empresas da Paraíba e do Nordeste, tendo grande importância para a cidade de Esperança e região, ofertando emprego e auxiliando na economia local e regional, inclusive sendo responsável por significativa parcela do PIB arrecadado.

Figura 24: Almeida Distribuidora de Materiais de Construção em Esperança.



Fonte: Google Maps, (2020, com adaptações).

O comércio é um dos grandes destaques do município, desde produtos menos valorizados, vendidos por comerciantes informais até produtos de alta diversificação, vendidos pelos grandes varejistas, dentre os quais se podem citar lojas filiais de matrizes como o Armazém Paraíba (N CLAUDINO & CIA LTDA), a Decorama (MATIAS GRANJEIRO CIA LTDA), o Atacadão dos Eletros (ATACADÃO DOS ELETRODOMÉSTICOS DO NORDESTE LTDA), além da recente filial do Magazine Luiza⁴¹ (MAGAZINE LUIZA S/A), que se estabeleceram no centro da cidade, essas empresas estão entre as maiores do município, mas não possuem sede na cidade, ver Quadro 6.

⁴¹Criado na década de 50, em Franca, no interior de São Paulo, o Magazine Luiza tornou-se uma companhia orientada por ciclos de desenvolvimento sendo, hoje, uma das maiores lojas de varejo brasileiro.

Quadro 6: Principais empresas com filiais em Esperança de acordo com seu capital social (até R\$ 500.000).

Nome da empresa	Capital social	Porte	Atividades Principais
BANCO BRADESCO S.A.	R\$ 75.100.000.000	DEMAIS	Bancos múltiplos, com carteira comercial
BANCO DO BRASIL SA	R\$ 67.000.000.000	DEMAIS	Bancos comerciais
CAIXA ECONOMICA FEDERAL	R\$ 36.418.524.397	DEMAIS	Caixas econômicas
EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELEGRAFOS	R\$ 3.222.699.696	DEMAIS	Atividades do Correio Nacional
N CLAUDINO & CIA LTDA	R\$ 10.020.000	DEMAIS	Comércio varejista de móveis
EMPRESA PARAIBANA DE ABASTECIMENTO E SERVICOS AGRICOLAS	R\$ 8.922.227	DEMAIS	Atividades de apoio à agricultura não especificadas anteriormente
NOVORUMO - MOTORES E PECAS LTDA	R\$ 2.600.000	DEMAIS	Comércio a varejo de motocicletas e motonetas novas
CENTRO DE ENDOCRINOLOGIA E METABOLOGIA LTDA	R\$ 1.000.000	MICRO	Laboratórios clínicos
RENAVIN REGISTRO NACIONAL DE VISTORIAS E INSPECOES LTDA	R\$ 1.000.000	MICRO	Outras atividades de serviços prestados principalmente às empresas não especificadas anteriormente
CENTRAL DA CONSTRUCAO LTDA	R\$ 800.000	DEMAIS	Comércio varejista de materiais de construção em geral
COOPERATIVA DE CREDITO DE LIVRE ADMISSAO DA PARAIBA	R\$ 503.000	DEMAIS	Cooperativas de crédito mútuo
ATACADAO DOS ELETRODOMESTICOS DO NORDESTE LTDA	R\$ 500.000	DEMAIS	Comércio varejista de outros artigos de uso pessoal e doméstico não especificados anteriormente

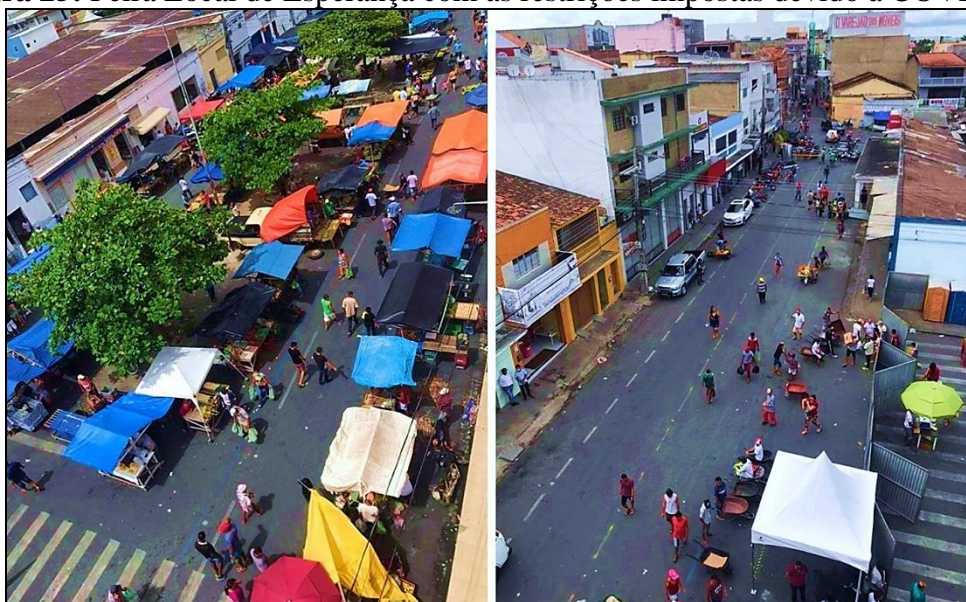
Fonte: <http://cnpj.info/> e <https://econodata.com.br/> (2020, com adaptações).

Contudo, o que dinamiza esta região são os pequenos negócios e comércios informais, como lojas de R\$1,99, de acessórios e bijuterias, de sapatos e roupas, de eletroeletrônicos, ou seja, produtos com baixo processo de manufatura ou que normalmente são de iniciativa de um único indivíduo que trabalha de maneira informal.

A Feira Local e semanal, que movimentava o comércio da cidade nos dias de quarta e sábado, também é um dos grandes destaques da cidade, reúne pessoas não só de Esperança,

mas de outros municípios, consumidores e comerciantes, que encontram nesta feira sua forma de sustento. A feira também é um importante espaço econômico para a cidade, pois em torno dela muito do comércio fixo da cidade se forma, mesmo o *lockdown* e o bloqueio das ruas próximo ao mercado público, estipulados por consequência da pandemia do COVID-19, não impediu que os feirantes fossem às ruas, ver figura 25.

Figura 25: Feira Local de Esperança com as restrições impostas devido à COVID-19.



Fonte: Alisson Menezes, 2020.

Existe uma falta de suporte para o feirante por parte da administração local, já que não há uma estrutura organizada para que a feira seja realizada, mas apenas um mercado público, insuficiente para abrigar todos os comerciantes. Na prática, a feira livre ocorre nas ruas em torno deste mercado, aonde os comerciantes organizam seus produtos em suas bancas ou até mesmo no chão.

Seu espaço é dividido em setores, mesmo que visualmente não pareça, conforme os produtos vendidos. A variedade de produtos e os preços reduzidos são dois grandes atrativos da feira, que possibilitam o consumo de bens pela população de menor poder aquisitivo, sendo uma alternativa aos grandes comércios de varejo que cobram preços superiores.

O espaço da feira não é limitado ao comércio, nele as tradições locais são reproduzidas e valorizadas. Há uma geração de muitas oportunidades de trabalho em uma sociedade marcada pela exclusão e, por fim, é o grande polo cultural e uma tradição que não foi afetada, em sua essência, pela modernização, sendo considerado um patrimônio local.

Mesmo com o advento das modernizações a cada dia, a feira ganha mais vendedores/comerciantes informais e consumidores, seguindo o mesmo modelo de venda que

existe há décadas, ver Figura 26, as únicas mudanças dizem respeito à mercadoria vendida, que não se limita mais a produtos agrícolas e alimentícios.

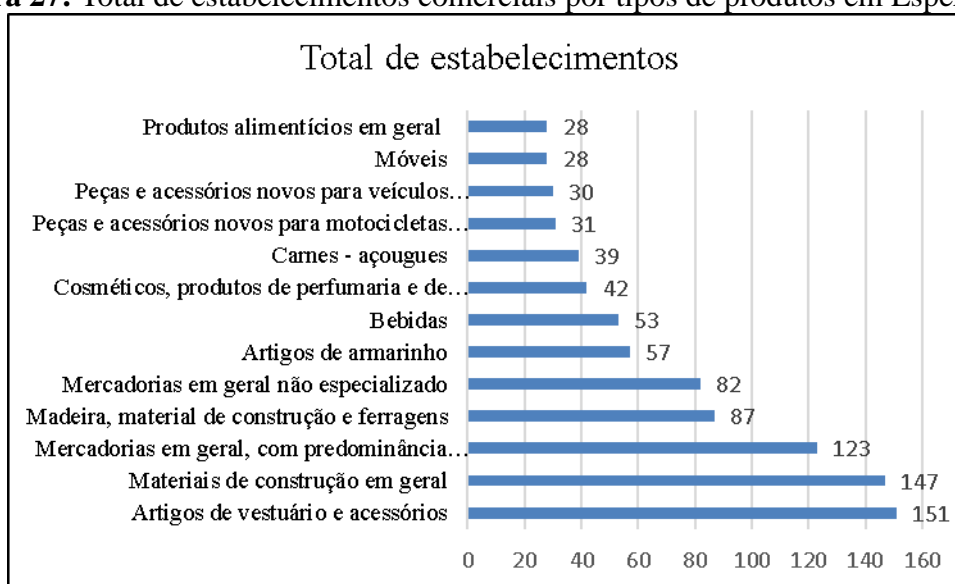
Figura 26: Feira Local de Esperança nos anos 2000 e na década de 60, respectivamente.



Fonte: <https://revivendoesperancapb.blogspot.com> (2016, com adaptações).

Além das lojas, do comércio e das grandes empresas comerciais, existe uma diversidade de bens e serviços oferecidos na cidade, que vão desde um simples borracheiro a uma clínica de exames médicos especializados. A dinâmica de serviços oferecidos em Esperança atrai a movimentação de pessoas para o centro da cidade e, conseqüentemente, mais investimento de capital, na Figura 27 é possível observar a quantidade de estabelecimentos da esfera comercial por setores de comércio, tanto atacadistas como varejistas.

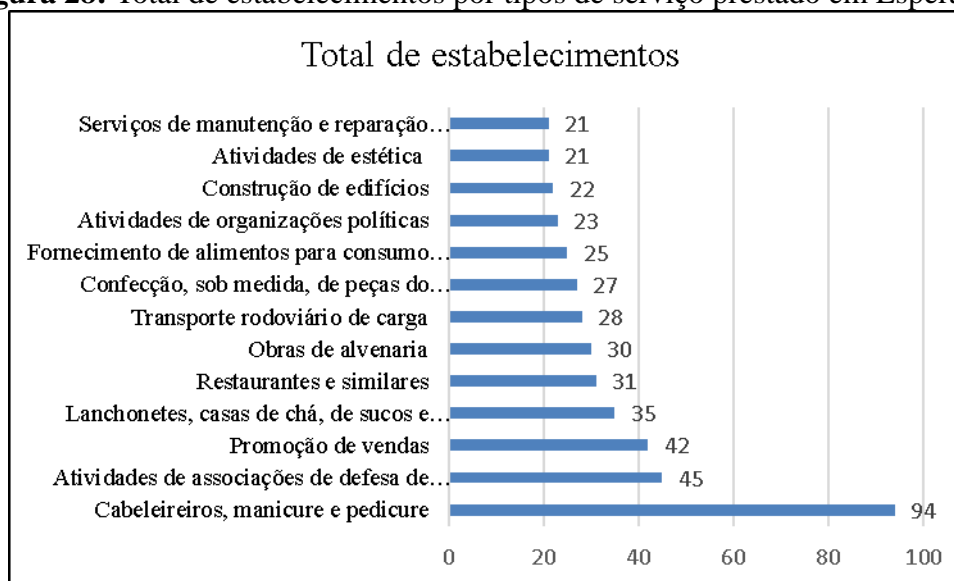
Figura 27: Total de estabelecimentos comerciais por tipos de produtos em Esperança.



Fonte: <http://cnpj.info/> e <https://econodata.com.br> (2020, com adaptações).

Entre os serviços que se destacam na região podem-se citar as clínicas odontológicas e de oftalmologia, consultórios de exames médicos, restaurantes, centros educacionais, serviços de reparação dos mais variados equipamentos, lanchonetes e principalmente estabelecimentos que possuem foco nos serviços de beleza, como cabeleireiros, manicures, etc., como é possível observar na Figura 28.

Figura 28: Total de estabelecimentos por tipos de serviço prestado em Esperança.



Fonte: <http://cnpj.info/> e <https://econodata.com.br> (2020, com adaptações).

A concorrência também está presente na dinâmica local desse centro, visto não haver apenas uma categoria de comércio ou de serviço que monopoliza o produto ofertado, mas sim inúmeros concorrentes comerciais, sejam formais com CNPJ ou informais.

A presença dessa diversidade possibilita ao público consumidor escolher qual produto consumir ou onde queira que seus serviços sejam prestados, comprovando a importância do centro de Esperança, uma vez que em cidades pequenas essa concorrência muitas vezes é inexistente, na qual apenas uma loja ou prestadora de serviços está presente, diminuindo a possibilidade de escolha. Isso só ocorre porque Esperança tem público consumidor suficiente para suprir toda a concorrência, evidenciando a grande capacidade desse centro de se impor territorialmente.

Dessa forma a cidade oferta, com grande vantagem, serviços e produtos mais necessários e urgentes para a sua população, superando os limites do próprio centro e alcançando cidades menores, onde essa diversificação não é recorrente.

Essa ideia nos leva a discutir sobre como a acessibilidade e os serviços (especializado ou não) influencia no nível de alcance dos centros urbanos, neste caso dos centros urbanos das

cidades pequenas, e de como esses fatores são capazes de modificar a hierarquia urbana de tal modo que as cidades pequenas gerem fluxo, assim como as cidades grandes, sem depender, exclusivamente, de um centro maior.

6.4 Análise dos sistemas de serviço de distribuição econômicos de Esperança.

A cidade de Esperança não é inteiramente ligada a uma rede complexa com os municípios vizinhos que compõem a Região Metropolitana de Esperança, não existe conurbação e nem algo próximo disso, na verdade, há periurbano entre as cidades, sendo perceptíveis aonde começam e terminam as malhas urbanas de cada uma.

A BR 104 cruza o atual centro geográfico e econômico da cidade, possibilitando a vinda de visitantes de outros municípios para usufruir o que o centro dinâmico de Esperança pode oferecer, claro que outras cidades também têm essa característica, mas vale ressaltar que historicamente é muito importante para Esperança, mesmo antes, quando ainda era caminho dos tropeiros.

Esses fatos possibilitaram a instalação da maior empresa de viação de ônibus da mesorregião do Agreste paraibano, a Viação São José (EMPRESA VIAÇÃO SÃO JOSÉ LTDA), atuando desde a década de 1980 no transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal.

A Viação São José sobrepuja o transporte rodoviário na região da RME, se alguém precisa viajar até as cidades do Brejo e Agreste através da rodovia pode utilizar-se dos ônibus da frota. Além dos serviços oferecidos pela empresa, também estão à disposição das pessoas o transporte alternativo, feito em grande escala por carros D20 da Chevrolet, as conhecidas “veraneios”, que fazem lotação, levando e trazendo pessoas entre as sedes de municípios e os distritos, vilas e povoados, substituindo o transporte regular de passageiros, no qual a falta de linhas regulares de ônibus e estradas ruins gera uma demanda que as viações de ônibus não suprem, sendo essa categoria de condução algo comum no interior do Nordeste brasileiro.

Além disso, existem os taxistas e mototaxistas, que atuam no transporte individual de passageiros entre os bairros e ruas da cidade, comuns em todas as esquinas de Esperança. As pessoas que usam o transporte rodoviário, na maioria das vezes, necessitam chegar à Esperança por seus serviços mais básicos ou em Campina Grande pelos serviços mais especializados. Existe um grande movimento pendular em direção a Campina Grande, inclusive de Esperança, pois a cidade oferece serviços mais especializados, por isso a BR 104

é a mais importante via de acesso do Brejo paraibano para Campina Grande e vice-versa. Nas palavras de Gomes (2013):

[...] entende-se que a infraestrutura de transportes aparece como o esqueleto da região econômica, uma vez que possuem a capacidade de transformar, criar e reorientar a região na qual está inserida, sendo, portanto, necessária a sua adequação às necessidades da atividade econômica e dos fluxos que por ela circula (GOMES, p. 33, 2013).

As pesquisas sobre cidades pequenas são fundamentais para a real compreensão dos fenômenos urbanos, mas, por vezes, as observações são realizadas em conformidade com médios e grandes centros. Isso acontece porque estes possuem um nível de atividades mais complexo, com intensa concentração de serviços e dados mais perceptíveis. As ideias de Corrêa manifestam que “a complexidade delas [grandes cidades] inclui, adicionalmente, problemas específicos, de maior visibilidade, levando, com razão, à concentração de esforços de reflexão nelas”. (CORRÊA, 1999a, p. 45).

Por isso não se deve analisar as cidades pequenas de maneira isolada, é preciso estudá-las em conjunto com sua rede urbana, nesse caso em conjunto com as cidades maiores. Cabe ressaltar que, por diversas vezes, ao analisar as cidades pequenas, há uma classificação baseada no número pequeno de habitantes e no território reduzido, mas dessa forma não se está classificando, mas apenas adjetivando.

De acordo com o IBGE (2010), as pequenas cidades são as que possuem população inferior a 100 mil habitantes. O instituto considera as cidades que possuem população entre 100.000 e 500.000 como médias, e as acima de 500.000 habitantes, como grandes. O que também caracteriza as cidades pequenas é a utilização do termo “periferia”, justamente por estarem em um nível hierárquico inferior se comparadas às cidades grandes, estando, dessa maneira, submetidas à influência de outros centros, tornando-as locais periféricos.

Os moradores das cidades pequenas não se beneficiam com a variedade de produtos e serviços que uma cidade grande e moderna pode oferecer, justamente porque há a comercialização, em sua maioria, de produtos menos modernos e industrializados, além de, muitas vezes, só atenderem as necessidades de consumo da população através do típico circuito de distribuição inferior proposto por Santos (2003).

Por isso, inevitavelmente, parte da população precisa se deslocar para que desfrutem de serviços mais específicos, porém somam-se a esse deslocamento os custos agregados com tempo, gastos e transporte. Os serviços na área da saúde são um bom exemplo dessa ocorrência. É algo corriqueiro nas prefeituras de cidades pequenas oferecerem transporte para

a população se deslocar até centros maiores em busca de assistência médica especializada, devido à ausência de especialistas e aparelhos mais complexos. Esperança depende de serviços de saúde pública e privada que são encontrados apenas em Campina Grande.

Os circuitos superior e inferior, assim como propôs Santos (2003) e Santos (2004), podem ser encontrados em ambas as categorias de cidade, grande ou pequena, portanto, por mais que o circuito inferior esteja presente e concentrado na grande cidade, não pode atingir um nível de alcance máximo.

Nesse caso, quanto mais sofisticado o bem ou serviço, maior será o seu raio de alcance, quanto mais simples, mais dependente da abrangência mínima ele será. Geralmente o que mais promove esse movimento entre cidades são os serviços, principalmente os oferecidos pelo circuito superior, que são mais sofisticados e encontrados apenas nos maiores centros. Em Esperança, embora haja serviços desse tipo, o que predomina são os serviços e bens menos sofisticados, como já dito anteriormente.

É notável que “[...] os que não podem se deslocar e que são prisioneiros do comércio local, recorrem necessariamente ao sistema de distribuição do circuito inferior”. (SANTOS, 2004, p. 20). O comércio moderno é algo de importância relativa nas cidades pequenas e que toma proporções maiores nos grandes centros.

Em contrapartida, o comércio via *internet* pode facilmente possibilitar a aquisição, por meio virtual, de bens e serviços não encontrados no mercado local. Isso também agrega custos com a transportadora e a movimentação da mercadoria, mas que, muitas vezes, é mais viável e confortável para os indivíduos que não tem intenção de se deslocar para centros maiores, mesmo que nesses casos, as cidades pequenas sofram com o custo elevado do frete por se encontrarem distante de um centro maior, principalmente nas urbes do interior de norte e nordeste do Brasil.

Nesse aspecto, pode ser feito um comparativo com a ideia de curto-circuito da cidade próxima proposta por Santos (1988), no qual o esquema tradicional de hierarquia urbana é roto. Nesse esquema tradicional as cidades estariam submetidas hierarquicamente às cidades geograficamente próximas, sendo a cidade pequena totalmente dependente da cidade maior mais próxima.

Contudo, a ideia do curto-circuito propõe justamente o contrário, inclusive mostrando uma nova categoria urbana. Nesse caso, com o advento da tecnologia e o avanço dos transportes, uma cidade não depende exclusivamente das urbes mais próximas de seu território, percebe-se que nas palavras de Santos (1988):

Os transportes e as comunicações conheceram grandes avanços nos países subdesenvolvidos - por exemplo, os processos maiores são obtidos através do ônibus e do automóvel e os fluxos podem intensificar-se graças a sua maior flexibilidade, o que não podia ser alcançado com o trem, meio muito mais rígido e inflexível. A melhoria das estradas e dos veículos, o encontro de combustíveis mais baratos representam modernizações que permitem a diminuição dos custos. De modo geral, o preço do transporte aumenta menos que o dos demais fatores da produção e a redução do custo das viagens possibilita às pessoas escolher onde adquirir bens e serviços, que freqüentemente (sic!) vão buscar em lugares mais distantes, mas onde os preços praticados oferecem maiores atrativos. Naturalmente, os que fazem essas viagens de consumo são os que dispõem de mobilidade. Essa mobilidade no território é, aliás, negada aos que dispõem de menos rendas. (SANTOS, 1988, p. 20).

A modernidade permitiu que o indivíduo pudesse adquirir seus bens de consumo em qualquer local em que os transportes e as comunicações o pudessem levar e, atualmente, pode adquiri-los sem sair de sua residência. Portanto, uma cidade não necessariamente seria dependente de uma cidade maior próxima de sua rede urbana, esse processo pode ocorrer em maior ou menor escala nas cidades porque depende do poder de consumo dos habitantes desse local, quando a acessibilidade e a falta de produtos ou serviços de uma cidade pequena se tornam um problema para o consumidor, o indivíduo tende a se mudar para um centro maior, observe que nas palavras de Santos (1988):

Como as pequenas cidades não têm condições concretas de suprir-se de todos os bens e serviços, ou os vendem muito caro, acabam por perder boa parte dos seus habitantes. A migração, em última instância, é, sem paradoxo, consequência (sic!) também da imobilidade. Quem pode, como já mencionamos, vai consumir e volta ao lugar de origem. Quem não pode locomover-se periodicamente, vai e fica. (SANTOS, 1988, p. 20).

Contudo, atualmente as cidades pequenas dispõem ainda mais do avanço das comunicações e dos transportes, como também da globalização que se faz presente. Na *internet* podem ser adquiridas quaisquer mercadorias que o consumidor deseje, além de claro, serviços ofertados, que vão desde um curso de graduação/profissionalizante até um simples vídeo para entretenimento, ou seja, o indivíduo que vive em um centro preso ao sistema de distribuição do circuito inferior pode usufruir, sem se deslocar, do circuito superior e dos bens e serviços sofisticados que esse pode vir a oferecer desde que possua capital para esse feito.

No novo modelo de hierarquia urbana as cidades não precisam escalar degraus/etapas para se conectarem, se uma cidade, inclusive pequena, tiver um bem ou serviço muito especializado, esse, com certeza, alcançará cidades cada vez mais distantes ou quiçá outros estados, ou países (importar produtos nunca foi tão fácil como hoje). Segundo Santos (1988),

quanto mais modernizadas as atividades, mais amplas são as suas relações e mais longínquo o seu alcance. Por isso se pode falar em curto-circuito da cidade próxima.

6.5 Análise do centro e dos fluxos e dos fixos de Esperança.

De acordo com Santos (2012), o espaço em sua essência é contraditório, uma vez que há a existência de um processo produtivo que une os homens, mas que também os separa. Dessa forma o espaço está sempre lotado de desigualdades, que podem ser observadas na diferença das classes sociais.

Os que possuem um menor poder aquisitivo ficam a margem quando disputam o uso das terras no urbano, principalmente nos centros das cidades. É justamente o centro que dá vida a esses processos produtivos desiguais, além de fornecer estrutura para se entender uma cidade. Dessa forma “não existe cidade, nem realidade urbana sem um centro.

Mais que isso, o espaço urbano, é um espaço onde cada ponto, virtualmente, pode atrair para si tudo o que povoa as imediações: coisas, obras, pessoas”. (LEFEBVRE, 2019, p. 93). Naturalmente o centro de uma cidade é o lugar no qual se concentram as principais atividades, pois o “centro é o espaço que permite, além das características de sua ocupação, uma coordenação das atividades urbanas, uma identificação simbólica e ordenada destas atividades e, daí, a criação das condições necessárias à comunicação entre os atores”. (CASTELLS, 2007, p. 311).

São as áreas de atração desses fluxos que concentram fatores econômicos, sociais e culturais importantes na rede urbana das pequenas cidades. “A centralidade de um núcleo, refere-se ao grau de importância de suas funções centrais: maior o número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central e maior a sua centralidade”. (CORRÊA, 1989, p. 21).

De acordo com as ideias de Castells (2007), os centros urbanos se dividem em atividades e serviços, como o comércio, o gerenciamento administrativo, financeiro e político, além das celeridades religiosas que são uma característica familiar das cidades pequenas. A centralidade urbana é algo mais amplo, diferente do centro, é o local ou a área influenciada por fatores do lugar central.

A principal propriedade do centro é atrair e fazer com que todos os fluxos da cidade e de cidades vizinhas cruzem esse espaço central. “A centralidade urbana pode, então, ser trabalhada cada vez mais por meio da articulação entre suas duas escalas de expressão: a do

espaço interno da cidade e da expressão de suas relações com outros espaços”. (SPOSITO, 1998, p. 35).

A constituição da centralidade é a pauta do presente estudo, pois quando observada no espaço urbano da cidade de Esperança, dentro das possibilidades da sua rede urbana, expressa certa ênfase em relação às cidades vizinhas.

A cidade de Esperança detém relativa centralidade propagada além do seu próprio limite urbano, não somente em décadas anteriores, mas no atual momento. De acordo com a hierarquia urbana apresentada pelo IBGE (2018), na Região de Influência de Recife-2018, a cidade de Esperança se estabelece como um centro local, estando sob a influência de centros maiores, principalmente Campina Grande.

Contudo, como visto na ideia de curto-circuito de Santos (1988), essa hierarquia, na qual os fluxos entre cidade grande e cidade pequena são quase incontestáveis, não é a única forma de analisar esses centros, na qual todas essas cidades estão interligadas, com fluxos constantes sem depender de uma ordem específica a ser seguida, ou seja, novas formas de categorizar as cidades podem ser vistas nesse processo.

Diante do já exposto, é possível concluir que o centro é aquilo que se encontra fixo no território, já a centralidade, é o que se movimenta no espaço. A centralidade se presta a modificações que ocorrem em variações temporais mais curtas e inconstantes, já o centro é o lugar no qual esses fenômenos acontecem. Esperança é uma cidade pequena e, assim como propõe o REGIC (2018) atua como um centro local, pela sua baixa centralidade em gestão territorial, não tendo, portanto, elementos que justifiquem sua classificação como um centro de zona, levando em consideração a metodologia utilizada pelo IBGE.

Também não existem elementos que justifiquem a criação da Região metropolitana de Esperança, uma vez que não há indícios de uma formação metropolitana, mas compreende-se que tal feito se dá para um acesso maior as políticas públicas, mesmo que Esperança não tenha um nível de gestão territorial sobre as demais cidades, tão efetivo. Atualmente Esperança se destaca por sua grande diversidade de serviços e comércios, o que gera um certo fluxo de pessoas, mas como consta no REGIC, não é um fluxo constante, porém a centralidade da cidade peca, quando se trata de gestão pública, e empresarial, que são os elementos utilizados para o IBGE classificar a cidade em níveis distintos de hierarquia. O sistema de curto circuito faz com que Esperança permaneça sem maiores alterações no sistema urbano, sobretudo pela proximidade e influência de Campina Grande. Outro aspecto que deve ser levado em consideração é a falta de estrutura urbana nos pequenos municípios em torno de Esperança.

7 CONCLUSÃO

Apesar de poucos os trabalhos científicos que tem Esperança como objeto de estudo, foram possíveis devido à grande quantidade de informações empíricas provenientes de autores locais e a adaptação de pesquisas realizadas em outras cidades menores. Também de acordo com o conhecimento empírico do autor deste trabalho foi possível analisar os principais elementos que caracterizam a cidade de Esperança. As primeiras conclusões são referentes à ocorrência de uma centralidade que, em certos aspectos, ultrapassa o território da cidade. Tem-se uma cidade, pequena, que é sede de uma região metropolitana, criada por interesses políticos, mas que atua como um centro local, segundo REGIC (2018), e está próxima de um centro maior (Campina Grande) que, por sua vez, é uma cidade de porte médio.

O que ocorre na prática é que algumas pessoas das cidades pequenas pertencentes à RME de Esperança estão convergindo, em fluxo, para o centro de Esperança, criando uma rede pequena rede de polarização entres essas urbes através do comércio e, por mais que Esperança não seja de fato uma metrópole. Na pirâmide hierárquica tradicional, uma cidade pequena seria necessariamente dependente de um centro maior próximo para que essas conexões pudessem ocorrer, ou seja, na hierarquia tradicional os fluxos iriam convergir para a cidade grande mais próxima (Campina Grande) e assim, consecutivamente até chegar a uma metrópole, a cidade pequena, no menor degrau, deveria seguir, nos moldes tradicionais, relacionando-se em degraus imediatos antes de atingir níveis hierárquicos superiores.

Contudo, esse fenômeno, pode ser interpretado pela ideia do curto-circuito de Santos (1988), na qual esse esquema tradicional sofre diversas mudanças, a cidade grande mais próxima não é mais necessária como um condutor de fluxos para a cidade pequena, que por sua vez, consegue “burlar” esse sistema e alcançar outros núcleos urbanos através dos seus próprios fluxos e centralidades, porém isso só ocorrerá quando algum tipo de serviço se torne especializado o suficiente para atingir outros núcleos, mas no caso de Esperança, não há, o que impossibilita um fluxo de pessoas maior, e conseqüentemente sua classificação em outro nível hierárquico.

Nesse caso, a cidade de Esperança atua apenas como um centro local, o seu centro atende somente a demanda do seu próprio território e certa parcela da população de outras cidades, quando se trata de serviços mais básicos, atendendo a demanda de outros centros urbanos, mas o fluxo entre essas cidades ainda é muito baixo, impossibilitando que Esperança atue como um centro de zona, além disso, a metodologia adotada pelo IBGE realmente demonstra que a cidade exerce muito pouca influência territorialmente e, para tentar refutar

essa classificação seria necessária uma abordagem mais técnica sobre os fluxos da RME, o que não é o propósito desta pesquisa, portanto nessa pesquisa a cidade foi acatada como um centro local, assim como propõe o REGIC (2018).

Esperança possui um sistema de distribuição com bens e serviços menos especializados, mas que possui grande diversidade e qualidade, sendo suficiente para atender a demanda de sua zona, contudo Campina Grande, além do sistema de distribuição de produtos do circuito inferior da economia é caracterizada também pelo sistema de serviços de distribuição do circuito superior, apresentando bens e serviços mais especializados, ou seja, as duas cidades apresentam centralidade, mas cada uma desempenha a centralização através de um fluxo de bem ou serviço diferente e atuam em escalas diferentes, sendo Campina Grande muito mais influente sobre seu território.

A posição de Esperança atuando como um centro local mesmo com serviços não especializados o suficiente para atender outros centros, ocorre devido ao tipo de demanda das cidades próximas e da quantidade e qualidade dos serviços prestados por Esperança, ou seja, as demais cidades da RME não demandam, constantemente, de bens e serviços mais especializados e neste aspecto Esperança oferta, com grande vantagem, todos os serviços e bens que essas urbes próximas precisam em um primeiro momento e que não dispõem nos seus centros.

Esperança, atualmente, tem capacidade de gerar um pequeno fluxo para se centro, exercendo influência sobre as cidades vizinhas mais próximas, que compõem a RME, e, de fato, fica evidente que através da pesquisa do perfil geográfico de Esperança, é possível concluir que a cidade ainda precisa crescer muito nos aspectos empresarial e de gestão pública, pois ainda é dependente de um centro regional, mas que é capaz se destacar no setor terciário, se desligando do antigo modelo de hierarquia urbano e descaracterizando a visão estereotipada de uma cidade pequena e de sua real importância na rede urbana.

Os maiores fluxos, de pessoas, bens e serviços advêm, principalmente, dos municípios vizinhos, justamente os que fazem parte da RME, e são, em sua essência, cidades pequenas, muitas vezes com uma forte dependência do circuito inferior ou bens e serviços básicos que são encontrado com diversidade em Esperança, essas cidades não conseguiram alcance máximo suficiente para concorrer hierarquicamente com os grandes centros, mas isso não significa que algum bem ou serviço em específico não possa se destacar e gerar fluxo, por exemplo, Esperança gera fluxo por sua diversidade de serviços e bens, Areia gera fluxo através do turismo, outras geram fluxo devido a alguns outros produtos, serviços, etc. Portanto, mesmo que Esperança gere fluxo, e mesmo que seja dependente do fluxo que é

gerado por Campina Grande, isso não a torna disfuncional na rede urbana, os fluxos de um centro maior não anulam os fluxos de um centro menor, eles coexistem, fazem parte das novas centralidades, das novas formas do urbano.

Mas esta polarização está longe de tornar Esperança em um centro econômico regional, primeiro por esta ainda depender de um centro maior para serviços mais especializados, segundo por não possuir uma grande oferta de turismo e lazer, aliado a esses fatores têm-se a falta de serviços mais especializados, ou seja, Esperança pertence ao sistema de distribuição que atende as necessidades básicas da população de sua RME, e como propõe a pesquisa do IBGE, sua centralidade em gestão territorial ainda é muito fraca, o que impede que essa cidade se torne um centro mais polarizador. O que se pode concluir é que esta pequena cidade atua como um centro local, polarizando alguns centros menores em seu fluxo econômico através de sua diversidade de bens e serviços menos especializados e que faz parte de uma região metropolitana criada para facilitar o acesso a políticas públicas.

Foi possível identificar centralidades que possuem atributos e características econômicas que permitem uma classificação na hierarquia urbana de Esperança, o que é possível devido ao avanço dos transportes e das tecnologias. Assim, a partir das características centrais, determinadas como geradoras de fluxo, de pessoas e de produção, e, portanto, parte integrante da análise da hierarquia urbana, foram identificadas variáveis como: a história da cidade; a agropecuária; a prestação de serviços; o comércio; o lazer e a cultura. Tais variáveis analisadas a partir de diversas óticas: o espaço e a paisagem urbana; a organização espacial; os agentes sociais; a rede urbana; a área central da cidade; a estrutura socioeconômica da cidade, podem ser identificadas como características que geram mais ou menos fluxo, dependendo da intensidade, diversidade e qualidade do produto vendido ou serviço prestado por Esperança.

Compreende-se que a agricultura, o comércio e, principalmente os serviços contribuíram na dinâmica local, sua influência vem se expandindo nas últimas décadas, entretanto atividades da cultura e do lazer ainda não se consolidaram na cidade hierarquicamente, mas que são geradores de fluxo, pois, quanto mais indivíduos procuram lazer na cidade, mais consumidores aptos a gastar existem na cidade, atualmente as pessoas que vêm a Esperança, assim o fazem por necessidade e não por casualidade.

Sabe-se que a produção do espaço urbano, fruto da ação humana modeladora, está ligada aos interesses dos agentes nas suas relações do capitalismo. O espaço urbano é artificial e não visa os anseios da maioria, mas prestigia aqueles que detém o capital. Fica evidente que a noção de espaço considerado é relativa, no sentido de que nenhum espaço é igual a outro,

todos os agentes desempenham forte papel na construção do espaço geográfico da cidade de Esperança, diferindo-a das demais. Mesmo com um comércio dinâmico que se destaca na região, a cidade fica próxima a Campina Grande e não tem a mesma oferta de serviços especializados que a mesma, portanto, não atendendo plenamente as demandas dos municípios polarizados.

Fica evidente que mesmo sendo sede da RME, Esperança não tem perfil de metrópole e ainda depende muito de bens e serviços especializados que só podem ser adquiridos em Campina Grande, especialmente serviços especializados. Ser uma cidade pequena é uma característica ímpar, mesmo diante de uma forte concorrente, em termos de polarização e centralidade espacial, Campina Grande, mas o fato de estar tão próxima a esse centro não impossibilitou que a mesma desenvolvesse um centro tão dinâmico e atrativo como é hoje.

Considerando todos os fatos explanados sobre a crescente centralidade urbana presente no município de Esperança, no estado da Paraíba, conclui-se que a mesma assume novas funções articuladas para suprir às necessidades de reprodução e acumulação do capital, assim como propôs Santos (1988) em sua conclusão sobre curto-circuito, a hierarquia urbana, não necessariamente mantém os mesmos moldes de antes e ainda poderá sofrer diversas mudanças, e as cidades, sejam grandes ou pequenas, assumem seus novos papéis e, mesmo que antes já tivessem sua importância, hoje podem receber o destaque que merecem.

A geração de fluxos de capital causa uma hierarquização em que mercadorias, pessoas, serviços estão sendo polarizadas para o centro, as novas formas de reprodução e acumulação do capital caracterizam a centralidade da cidade, porém o advento da modernização das tecnologias de transporte e comunicações, aliados à globalização e a própria revolução técnico científico informacional, fez com que cidade de Esperança, hoje, seja capaz de se impor territorialmente na sua rede urbana, mesmo ainda sendo dependente de um centro maior, cada vez mais as pequenas cidades ganham destaque e importância na rede urbana.

REFERÊNCIAS

- ABLAS, L. A. D. Q. **A teoria do lugar central: bases teóricas e evidências empíricas: estudo do caso de São Paulo.** São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas-USP, 1982.
- ADORNO, T. **Indústria Cultural e Sociedade.** Paz e Terra. São Paulo, 2009.
- ARRILLAGA, José Ignacio de. *Introdução ao estudo do turismo: turismo e sociedade.* Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- BARRETO, M.; CAPURRO, M.; SABOURIN E. **Crise e alternativas de valorização econômica do cultivo da batatinha no agreste da Paraíba.** In: Encontro regional Norte Nordeste de ciências sociais. UFRN. s.l.: s.n., 20 p. Encontro Regional Norte Nordeste de Ciências Sociais. Natal: 1999.
- BARRETO, R. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço. **Curso de Doutorado em Geografia,** Porto, n. 2, p. 23-41, 2010.
- BENTO, I. F. da S. **A formação do município de Esperança nas páginas do jornal a união: dos discursos pré-emancipatórios aos primeiros anos de autonomia (1925-1928).** Campina Grande, 2018.
- BOHEM, C. Construção de cisternas leva desenvolvimento à região do semiárido. São Paulo: 2017. **Agencia Brasil.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/construcao-de-cisternas-leva-desenvolvimento-regiao-do-semiarido> Acesso em: 1 de novembro de 2020.
- BRASIL. **Lei complementar nº 106.** Relator: Arnaldo Monteiro. Paraíba: 2012. Disponível em: https://emplasa.sp.gov.br/Cms_Data/Sites/EmplasaDev/Files/fnem/arquivos/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Regi%C3%B5es%20Metropolitanas/Paraiba/RM_Esperanca%20n%20106.pdf Acesso em: 1 de novembro de 2020.
- BÚ, J. C. do. **Avaliação da conjuntura socioeconômica e da disponibilidade hídrica na formação da Região Metropolitana de Esperança – PB.** Campina Grande: Monografia de graduação. Departamento de Geografia-DG/Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 46 p. 2014.
- BURNS, E. K. Nested hexagons: central place theory. In: HANSON, S. **10 geographic ideas that changed the world.** New Brunswick: Rutgers University Press, 1997.
- CARVALHO, F. T. A. De. et al.. **Praça da cultura: sua importância sociocultural à população de esperança-pb.** Anais II CONIDIS... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/33763> Acesso em: 05/01/2021 08:32
- CASTELLS, M. **A Questão Urbana.** 4. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2007.
- CASTRO, Janio R. B. de. A Proposição do conceito de centralidade cultural e a promoção de eventos festivos como estratégia de turistificação de pequenas cidades: reflexões a partir de

alguns estudos de caso. In: LOPES, Diva M. F; HENRIQUE, Wendel (org.) **Cidades Médias e Pequenas: Teorias, conceitos e estudos de Caso**. Salvador: SEI, 2010.p.109-123.

CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966.

CLAVAL, P. La Teoria de los Lugares Centrales. In: _____ **Textos Básicos 1: Centralidade-Regionalização**. Rio de Janeiro: IPGH/Comissão de Geografia, 1968. p. 19-37.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. “**Sobre Agentes Sociais, Escala e Produção do Espaço: Um texto para discussão**”. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo L. de; SPOSITO, M. Encarnação B. (organizadores). “A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios”. São Paulo: Contexto, 2012b. Pp. 41-51.

CORRÊA, R. L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2003. p. 167–186.

CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: Passado e Futuro. In: CORRÊA, R. L e ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999b.p. 49-58.

CORRÊA, R. L. **Globalização e Reestruturação da Rede Urbana** - Uma Nota sobre as Pequenas Cidades. **Território**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 43-53, 1999a.

CORRÊA, R. L. Redes Geográficas: reflexões sobre um tema persistente. **Cidades, Presidente Prudente**, v. 9, n. 16, p. 199-218, 2012.

CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

DER. Histórico do DER. **Departamento de Estradas de Rodagem do Estado da Paraíba. (DER/PB)**. Disponível em: <https://der.pb.gov.br/historico> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

DJALO, A.; PROCOPIUCK, M. Comércio como fator de coesão dos centros urbanos: caso da revitalização comercial do centro de Curitiba. **Revista turismo e visão**. v. 10, nº 03. Itajaí, 2008. p.313 – 334.

Esperança, PB. **Google Earth. Google**. Consultado em: <https://earth.google.com/web/@-7.0204731,-35.8574649,633.85708782a,500d,35y,0h,0t,0r> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

Esperança, PB. **Google Maps. Google**. Consultado em: <https://www.google.com.br/maps/@-7.0278495,-35.8607108,15z> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FERREIRA, R. **Banaboé Cariá**: Recortes da Historiografia do Município de Esperança. Esperança: A União Editora, 2015a.

FERREIRA, R. **45 notas históricas**: Recortes de Esperança. Esperança: Edições Banabuyé, 2015b.

FERREIRA, R. Barragem de Vaca Brava. **História esperancense**. Esperança: 2016. Disponível em: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2016/12/barragem-de-vaca-brava.html> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FERREIRA, R. Batatinha x Sisal: Anos 40-50. **HISTÓRIA ESPERANCENSE**. Esperança: 2015c. Disponível em: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2015/02/batatinha-x-sisal-anos-40-50.html> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FERREIRA, R. Breve descrição dos índios cariris e seus costumes. **IHGP**. João Pessoa: 2000. Disponível em: <http://www.ihgp.net/> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FERREIRA, R. **Capítulos da História Esperancense**. Esperança: Edições Banabuyé, 2011a.

FERREIRA, R. Esperança: O ciclo da farinha. **História Esperança**. Esperança: 2014c. Disponível em: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2014/06/esperanca-o-ciclo-da-farinha.html> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FERREIRA, R. Irineu Jóffily e suas raízes (3a. Parte). **História esperancense**. Esperança: 2014b. Disponível em: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2014/12/irineu-joffily-e-suas-raizes-3a-parte.html> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FERREIRA, R. Irineu Jóffily e suas raízes. **Retalhos históricos de Campina Grande**. Esperança: 2017. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2012/03/irineu-joffily-e-suas-raizes.html> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FERREIRA, R. O Topônimo Banabuyé. **História esperancense**. Esperança: 2014a. Disponível em: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2014/12/o-toponimo-banabuyé.html> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FERREIRA, R. Reformas da Matriz (Parte II). **História esperancense**. Esperança: 2011b. Disponível em: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2011/12/reformas-da-matriz-parte-ii.html> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

FREITAS, R. Regiões Metropolitanas: uma abordagem conceitual. **Humanae**, v.1, n.3, p. 44-53, dez. 2009.

FRESCA, T. M. Em Defesa dos Estudos das Cidades Pequenas No Ensino de Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 27-34, 2001.

GOMES, P. M. **Transporte e reprodução do espaço**: O papel da Estrada de Ferro Central do Brasil na dinâmica do espaço urbano de Santos Dumont. UFJF: Juiz de fora, 2013.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & Debates**, NERU, n. 39, p. 48-64, 1996.

IBGE. **IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)**, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/esperanca/pesquisa/19/29761> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia, **Regiões de Influência das Cidades - REGIC**, 2018.

IBGE. CENSO 2010. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE**, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

IBGE. Censo Agropecuário. **IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)**, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/esperanca/pesquisa/23/27652?detalhes=true> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

IBGE. Cidades e Estados. **IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)**, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/esperanca/panorama> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

IBGE. Estimativas da População. **IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)**, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=o-que-e> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. 2. ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2019.

MOURA, R.; WERNECK, D. Z. Rede, hierarquia e região de Influência das cidades: um foco sobre a região sul. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 100, p. 25-55, 2001.

PAIVA, L. M. A. Indústria cultural e cidades locais: a geografia dos festivais em Guaramiranga – Ceará. In: GEOSABERES: **Revista de Estudos Geoeducacionais**, vol. 7, núm. 12. Guaramiranga: 2015.

PME. **Plano diretor participativo de Esperança**. Relator: João Delfino Neto. Esperança: 2006. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-esperanca-pb> Acesso em: 1 de novembro de 2020

RAMOS, T. M. D. A. Interações Espaciais no Estado de São Paulo: Uma Análise Comparativa entre Dois Tipos de Redes. **Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 76-95, 1998.

RANGEL, P. **Guia Comercial Metropolitano**. Allpha Comunicações: Esperança, 2016.

REINALDO, M. R. **Festival nordestino de Teatro de Guaramiranga – FNT: O Nordeste é o mundo. O mundo é aqui. Ou afetos e impactos na cidade das flores**. In: Cultura, identidade e organização dos territórios, apostas políticas e culturais dos festivais, articulações das

intervenções públicas. Salvador: 2011. Disponível em:
<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/6877/4732> Acesso em 1 de novembro de 2020.

SALGUEIRO, T. B. **A cidade em Portugal: uma geografia urbana**. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

SANTOS, C. D. D. A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 5, n. 1, p. 177-190, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. Ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, M. **Economia Espacial. Críticas e Alternativas**. 2. Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido: os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SILVA, S. B. D. M. E. Cidades pequenas e médias: reflexões teóricas e aplicadas. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. p. 93-108.

SILVEIRA, R. L. L. D. **Cidade, Corporação e Periferia Urbana**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

SOARES, A. M. C. **Cidade: cultura de consumo ou consumo de cultura?** In: III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: 23 a 25 de maio de 2007.

SOUZA, C. V. de. **Desafios e perspectivas socioeconômicas e ambientais no assentamento Rural Carrasco, limítrofe nos municípios de Esperança e Alagoa Nova**. Campina Grande, Trabalho de conclusão de curso do Departamento de Geografia-DG/Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 66 p. 2012.

SOUZA, M. L. D. **Abc do Desenvolvimento Urbano**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 27-37, 1998.

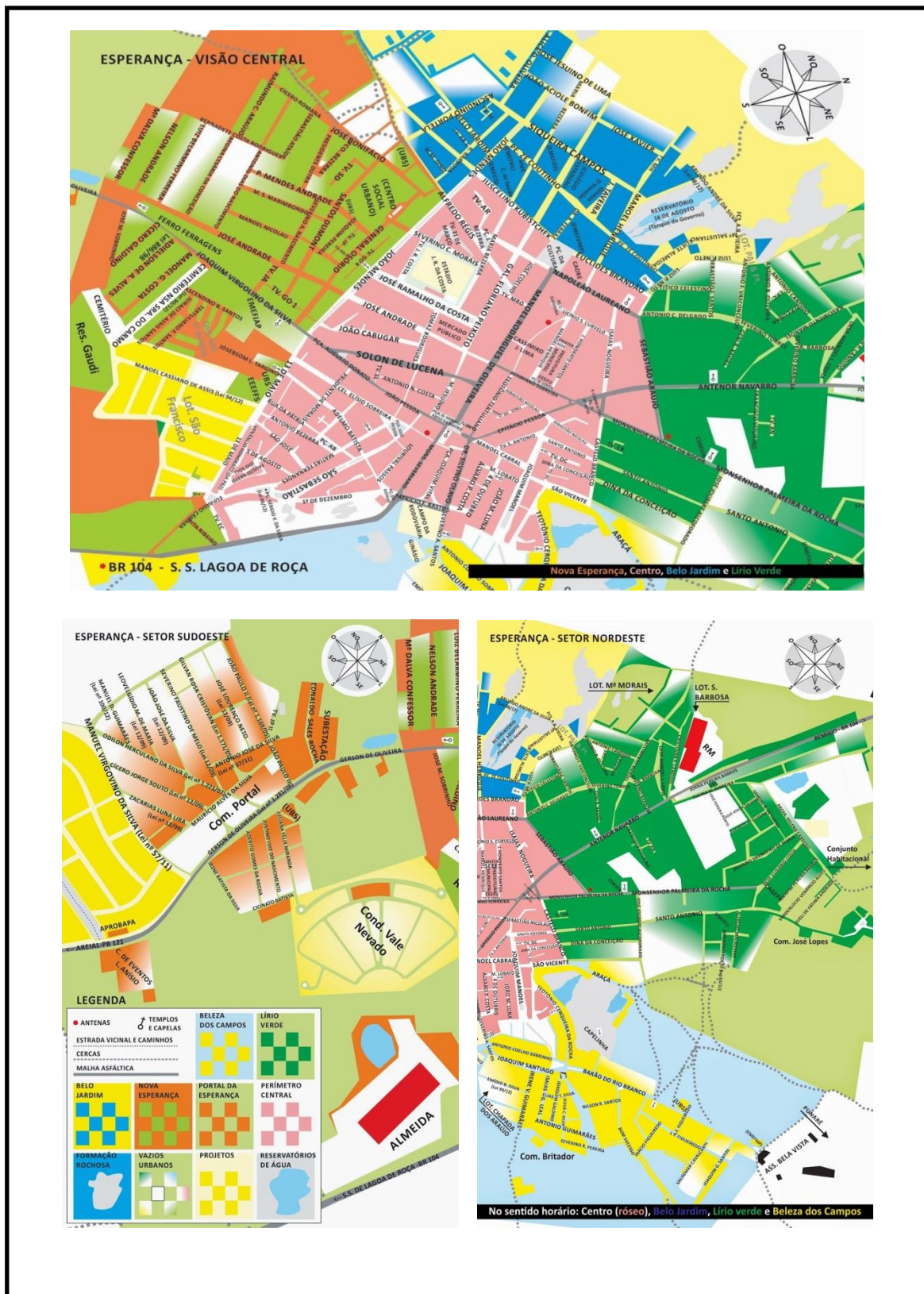
SPOSITO, M. E. B. O Centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Geografia**, São Paulo, n. 10, 1991.

TABARIN, C.S. Agentes produtores do espaço urbano e dinâmica urbana no município de são João da Boa Vista (SP). **Paisagens, Imagens e Imaginários** - v.7. n.2. Itapuranga: dezembro de 2017.

TAL, A. F. **Bonecas de pano mudam a vida de mulheres na Paraíba**. 2003. Disponível em: <http://www.pb.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PB/bonecas-de-pano-mudam-a-vida-de-mulheres-na-paraiba,68d5be51bf967410VgnVCM1000003b74010aRCRD> Acesso em 1 de novembro de 2020.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2007.

ANEXO A – MACROZONEAMENTO DOS BAIRROS DE ESPERANÇA-PB.



ANEXO B – MACROZONEAMENTO DOS BAIRROS DE ESPERANÇA-PB.

